



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO LETRAS E SAÚDE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM – NÍVEL MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SAÚDE PÚBLICA EM REGIÃO DE FRONTEIRA

SILVANI WEBER DA SILVA BORGES

Percepção de adolescentes escolares sobre o uso do celular

Foz do Iguaçu – PR

2021

SILVANI WEBER DA SILVA BORGES

Percepção de adolescentes escolares sobre o uso do celular

Versão Corrigida

Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Enfermagem, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Enfermagem, nível Mestrado – área de concentração Saúde Pública em Região de Fronteira.

Linha de Pesquisa: Coletividades e o Processo Saúde-Doença em Região de Fronteira e as Relações com a Multidisciplinaridade.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Angélica Iossi Silva

Foz do Iguaçu – PR

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Borges, Silvani Weber da Silva

Percepção de adolescentes escolares sobre o uso do celular/
Orientadora: Dra Marta Angélica Iossi Silva, 2021. 83 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do
Paraná, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública em Região de
Fronteira, 2021.

1. Adolescência. 2. Smartphone. 3. Promoção da
Saúde Escolar. 4. Comportamento do Adolescente.

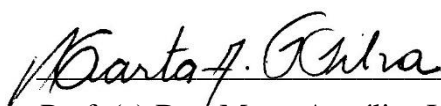
BORGES, Silvani Weber da Silva

Percepção de adolescentes escolares sobre o uso do celular

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Enfermagem, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Enfermagem

Aprovado em 12 de março de 2021.

Banca Examinadora



Prof. (a) Dra. Marta Angélica Iossi Silva

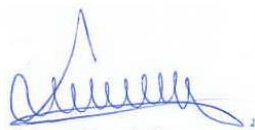
Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP/USP)

Orientadora



Prof. (a) Dra. Maria Aparecida Baggio

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Prof. (a) Dra. Luciana Mara Monti Fonseca

Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP/USP)

Ao meu pai, José Gomes da Silva (*in memoriam*), por todo o carinho e apoio a mim dispensado. Por ter sido meu maior exemplo de determinação, humildade e honestidade.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ser minha fortaleza.

À minha família que sempre me apoiou em todas as minhas conquistas.

Ao Rodrigo, meu esposo, e ao Pedro Henrique, meu filho, por todo amor e companheirismo.

À minha orientadora Profa. Dra Marta Angélica, pelos ensinamentos, paciência e empatia em todos os momentos, tornando mais leve o percurso.

Ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Enfermagem.

À Unioeste, universidade do meu coração.

RESUMO

BORGES, Silvani Weber da Silva. **Percepção de adolescentes escolares sobre o uso do celular**. 2021. 83f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública em Região de Fronteira, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2021.

Objetivo: Compreender a percepção de adolescentes escolares sobre o uso do celular. **Método:** Estudo qualitativo de cunho descritivo e exploratório envolvendo 17 adolescentes entre 14 e 18 anos do município de Foz do Iguaçu. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas utilizando-se a técnica bola de neve. Os dados foram analisados por meio do referencial da Análise de Conteúdo na modalidade temática. As entrevistas ocorreram ao longo dos meses de julho e agosto de 2020. **Resultados:** O discurso dos adolescentes sobre sua percepção do uso do celular nos revela que este dispositivo representa toda a liberdade que precisam para acessar o que quiserem de onde estiverem, com autonomia para buscarem assuntos de seu interesse sem a aprovação de um adulto. Além disso, na percepção dos adolescentes, o celular representa um porto seguro, com o qual eles sentem que nunca estarão sozinhos. Quanto a relação, os adolescentes admitem que costumam utilizar o celular por longo período e com frequentes checagens ao celular durante o dia ou a noite, não respeitando horários de estudo, refeição ou descanso. Eles também relatam que, embora utilizem o celular predominantemente para acessar redes sociais e jogos, eles também utilizam para buscar informações de seu interesse e se manterem atualizados. Como motivação para o uso excessivo do celular, os adolescentes listaram a solidão, o tédio, as tensões do cotidiano, a necessidade de pertencer e a ausência familiar como as mais relevantes. Das estratégias para redução do uso do celular, os adolescentes apontaram o diálogo como um fator central para prevenir o uso excessivo de tecnologias, seja no âmbito familiar, com maior interação entre pais e filhos, ou no ambiente escolar, por meio de acordos entre professores e alunos quanto ao uso do celular. Este trabalho ainda apresentou uma revisão integrativa da literatura na qual foram analisados dezoito artigos científicos. As produções relacionadas apresentaram como principais efeitos do uso excessivo do celular os distúrbios do sono, ansiedade, depressão, solidão, distração, bem como maior risco para suicídio. No que se refere às evidências, a autoestima, o apoio social e o relacionamento familiar e com os pares foram as motivações mais importantes para o uso excessivo de celular pelos adolescentes. Quanto às possibilidades de enfrentamento, apenas um artigo foi encontrado, no qual mostrou a importância de envolver a família e a escola na prevenção da dependência de celular em adolescentes. **Considerações finais:** O presente trabalho pode ajudar na construção do conhecimento para compreender a percepção e relação dos adolescentes com o celular, além de conhecer as principais motivações para o uso excessivo e, assim, pensar em estratégias de prevenção. Neste sentido, este trabalho também buscou despertar o interesse de enfermeiros e demais profissionais da saúde para um olhar integral à essa parcela da população, que pouco procura os serviços de saúde, mas que apresenta diversos fatores de risco que afetam seu bem-estar e seu desenvolvimento saudável.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Smartphone. Uso do Telefone Celular. Promoção da Saúde Escolar. Comportamento do Adolescente.

ABSTRACT

BORGES, Silvani Weber da Silva. **Perception of school adolescents on cell phone use.** 2021. 83f. Master's Dissertation (Master in Nursing) - Postgraduate Program in Public Health in the Border Region, State University of Western Paraná - UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2021.

Objective: To understand the perception of school adolescents about the use of cell phones. **Method:** Qualitative descriptive and exploratory study involving 17 adolescents between 14 and 18 years of age in the city of Foz do Iguaçu. Data collection was performed through semi-structured changes using the snowball. The data were formed using the Content Analysis framework in the thematic modality. The information occurred during the months of July and August 2020. **Results:** The speech of adolescents about their perception of cell phone use reveals that this device represents all the freedom they need to access what they want from where forced, with autonomy to seek matters of interest to them without adult approval. In addition, in the teenagers' perception, the cell phone represents a safe haven, with which they feel they are never alone. As for the relationship, the adolescents admit that they usually use the cell phone for a long period and with frequent cell phone checks during the day or night, not respecting the hours of study, food or rest. They also report that, although they use the cell phone predominantly to access social networks and games, they also use it to search for information of interest and remain specialized. As a motivation for the excessive use of cell phones, adolescents listed loneliness, boredom, everyday tensions, the need to belong and family absence as the most relevant. Of the strategies to reduce the use of cell phones, adolescents pointed out the dialogue as a central factor to prevent the excessive use of technologies, whether within the family, with greater interaction between parents and children, or in no school environment, through agreements between teachers and students regarding the use of cell phones. This work also presented an integrative literature review in which eighteen scientific articles were analyzed. Related productions had as main effects of excessive use of the cell phone, sleep disorders, anxiety, depression, loneliness, distraction, as well as a higher risk for suicide. Regarding the evidence, self-esteem, social support and family and peer relationships were the most important motivations for the excessive use of cell phones by adolescents. Regarding the possibilities of coping, only one article was found, in which it showed the importance of involving the family and the school in the prevention of cell dependence in adolescents. **Final considerations:** The present work can help in the construction of knowledge to understand the adolescents' perception and relationship with the cell phone, in addition to knowing the main motivations for excessive use and, thus, thinking about prevention objectives. In this sense, this work also sought to arouse the interest of nurses and other health professionals for a comprehensive look at this portion of the population, which little seeks health services, but which presents several risk factors that affect their well-being and their health. healthy development.

KEYWORDS: Adolescence. Smartphone. Cell Phone Use. School Health Promotion. Adolescent Behavior.

RESUME

BORGES, Silvani Weber da Silva. **Percepción de los adolescentes escolares sobre el uso del teléfono celular**. 2021. 83f. Tesis de Maestría (Maestría en Enfermería) - Programa de Postgrado en Salud Pública en la Región Fronteriza, Universidad Estatal del Oeste de Paraná - UNIOESTE, Foz do Iguacu, 2021.

Objetivo: Comprender la percepción de los adolescentes escolares sobre el uso del teléfono celular. **Método:** Estudio cualitativo, descriptivo y exploratorio que involucró a 17 adolescentes entre 14 y 18 años de la ciudad de Foz do Iguacu. La recolección de datos se realizó mediante entrevistas semiestructuradas utilizando la técnica de bola de nieve. Los datos fueron analizados utilizando el marco de Análisis de Contenido en la modalidad temática. Las entrevistas se realizaron durante los meses de julio y agosto de 2020. **Resultados:** El discurso de los adolescentes sobre su percepción del uso del teléfono celular revela que este dispositivo representa toda la libertad que necesitan para acceder a lo que quieren desde donde se encuentren, con autonomía para buscar temas de interés para ellos sin la aprobación de un adulto. Además, en la percepción de los adolescentes, el teléfono celular representa un refugio seguro, con el que sienten que nunca estarán solos. En cuanto a la relación, los adolescentes admiten que suelen utilizar el celular por un período prolongado y con frecuentes controles de celular durante el día o la noche, sin respetar las horas de estudio, comida o descanso. También informan que, si bien usan el celular predominantemente para acceder a redes sociales y juegos, también lo usan para buscar información de interés y mantenerse al día. Como motivación para el uso excesivo de teléfonos celulares, los adolescentes señalaron la soledad, el aburrimiento, las tensiones cotidianas, la necesidad de pertenencia y la ausencia familiar como los más relevantes. De las estrategias para reducir el uso de teléfonos celulares, los adolescentes señalaron el diálogo como factor central para prevenir el uso excesivo de tecnologías, ya sea en el ámbito familiar, con mayor interacción entre padres e hijos, o en el ámbito escolar, a través de acuerdos entre profesores y estudiantes con respecto al uso de teléfonos celulares. Este trabajo también presentó una revisión integradora de la literatura en la que se analizaron dieciocho artículos científicos. Las producciones relacionadas tuvieron como principales efectos del uso excesivo del celular las alteraciones del sueño, ansiedad, depresión, soledad, distracción, así como mayor riesgo de suicidio. En cuanto a la evidencia, la autoestima, el apoyo social y las relaciones familiares y con los compañeros fueron las motivaciones más importantes para el uso excesivo de teléfonos celulares por parte de los adolescentes. En cuanto a las posibilidades de afrontamiento, solo se encontró un artículo, en el que se mostraba la importancia de involucrar a la familia y la escuela en la prevención de la dependencia celular en los adolescentes. **Consideraciones finales:** El presente trabajo puede ayudar en la construcción de conocimientos para comprender la percepción y relación de los adolescentes con el teléfono celular, además de conocer las principales motivaciones para el uso excesivo y, así, pensar en estrategias de prevención. En este sentido, este trabajo también buscó despertar el interés de enfermeras y otros profesionales de la salud por una mirada integral a esta porción de la población, que poco busca los servicios de salud, pero que presenta varios factores de riesgo que afectan su bienestar y su salud. desarrollo saludable.

PALABRAS CLAVE: Adolescencia. Smartphone. Uso del teléfono celular. Promoción de la salud escolar. Comportamiento adolescente.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PRESSUPOSTOS	14
3. OBJETIVO	15
3.1 Objetivos específicos	15
4. REVISÃO DA LITERATURA.....	16
4.1 Processo de adolecer	16
4.2 O comportamento adolescente nas diferentes gerações	17
4.2.1 Geração <i>Baby Boomers</i>	17
4.2.2 Geração X.....	18
4.2.3 Geração Y (<i>millennials</i>).....	19
4.2.4 Geração Z.....	21
4.3Revisão integrativa da literatura	23
4.3.1 Método	23
4.3.2 Resultados e Discussão.....	26
4.3.3 Considerações finais	37
5 PERCURSO METODOLÓGICO	37
5.1 Tipo de estudo	37
5.2Coleta de dados	38
5.3Análise dos dados	40
5.4Local do estudo e grupo de sujeitos	41
5.5Critérios de inclusão.....	44
5.6 Aspectos éticos.....	44
6. RESULTADOS	45
7. DISCUSSÃO	53
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60

REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICE 1.....	71
APÊNDICE 2.....	74
APÊNDICE3.....	77
APÊNDICE4.....	80
ANEXO 1.....	83

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o celular tem se tornado tão onipresente no cotidiano das pessoas, que é praticamente impensável realizar muitas atividades diárias sem recorrer a esse dispositivo. Mas houve um tempo na história, não muito distante, em que não havia o telefone, tampouco um aparelho móvel que permitisse a comunicação instantânea para qualquer lugar do mundo. A comunicação era limitada a cartas que faziam o papel de e-mails, ao fax que representaria hoje o SMS – *Short Message Service*, sendo o telefone fixo considerado o ápice da comunicação instantânea, junto à televisão e ao rádio (DUTRA, 2016).

Em abril de 1973, o pesquisador Martin Cooper, de maneira inédita, demonstrou na cidade de Nova Iorque, como se daria o princípio da tecnologia móvel. Porém somente dez anos mais tarde a Motorola começaria a produzir os primeiros celulares com base no protótipo de Martin Cooper. Apesar de não ser nada prático, medindo cerca de trinta centímetros, quase um quilo, com durabilidade de bateria de no máximo meia hora e mais de dez horas de carga, ainda sim, o aparelho já era item de desejo por muitos (SOUZA, 2018).

No Brasil, os celulares e serviços de telefonia móvel conseguiram se estabelecer no mercado de bens e consumo na década de 1990. Inicialmente usada por adultos para receber e fazer chamadas. Além do seu tamanho grande, o celular também era um item de consumo caro, acessível somente para a classe alta, a maioria era de contas mensais e não possuíam muitas funcionalidades (DUTRA, 2016).

Com o avanço da tecnologia, os celulares foram adquirindo mais funcionalidades, até chegarem nos modelos smartphones, termo em inglês que significa “telefone inteligente”. De fato, o smartphone é um celular com tecnologias avançadas, o que inclui um sistema operacional multitarefa e multimídia, que possibilita baixar aplicativos, acessar a internet, jogos, entre outras funções (CIPOLI, 2016).

Tais características fizeram do celular um objeto de desejo e um item de necessidade na vida moderna, pois, além de ser uma fonte inesgotável de diversão e relaxamento é também um dispositivo altamente eficaz para estabelecer relacionamentos interpessoais por meio de mensagens instantâneas ou e-mails, baixar aplicativos para relacionamentos, serviços bancários, agenda pessoal, compra de produtos e serviços, dentre muitas outras funções (WANG et al., 2016).

Com efeito, os celulares tornaram-se *gadgets*¹ cada vez mais imprescindíveis e onipresentes na vida das pessoas, tanto que, atualmente o número de celulares conectados à internet já superou a população mundial, com 7,9 bilhões de conexões para 7,7 bilhões de pessoas (ADJUST, 2019). Neste cenário, o Brasil se destaca por representar o 4º país do mundo em quantidade de nativos digitais (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MARKETING DE DADOS, 2020) e o 5º lugar no ranking global de tempo dispendido com celulares, em média três horas diárias (VALENTE, 2019). Esse tempo ainda aumenta para uma média de quatro horas quando se trata de adolescentes (ABEL, 2017).

O fato é que, cada vez mais as pessoas percebem seus mundos através deste novo e sofisticado “órgão”. Tornou-se comum a sensação do celular como a extensão do próprio braço, como se fosse um membro biônico, tamanha a sua importância nas relações cotidianas estabelecidas (GOMES ZUIN; SOARES; ZUIN, 2018).

No entanto, nota-se que mais e mais pessoas estão usando seus celulares de maneira descontrolada, sem perceber o tempo que passam diante da tela do aparelho (CHA; SEO, 2018). Diante disso, nos últimos anos, diversos estudos têm demonstrado associação entre problemas fisiológicos (KEE et al., 2016; ZOU et al., 2019), sociais (BEISON; RADEMACHER, 2017; KIM et al., 2019), comportamentais (KORMENDI et al., 2016; LEE et al., 2017) e até afetivos (KIM et al., 2018; LI; HAO, 2019) com o uso extensivo e excessivo de celulares.

Vários termos foram usados na literatura para descrever diferentes padrões de uso excessivo de celulares. Isso inclui, por exemplo, “uso excessivo de celulares” (TANGMUNKONGVORAKUL et al., 2019), “uso problemático” (KORMENDI et al., 2016); “vício” (CHA; SEO, 2018), “nomofobia” (AHMED, et al., 2019; PRASSAD, et al., 2017) e “dependência de celular” (DOMPLE; WADDE; GATTANI, 2017). Por uma questão de simplicidade, adotou-se neste trabalho o termo “uso excessivo de celulares” para se referir a gama completa de padrões de problemas de uso de celulares.

É sabido que o uso excessivo do celular pode desencadear o vício comportamental ou dependência, que se refere a comportamentos patológicos, análogos à dependência de substâncias químicas. Os sintomas incluem: preocupação com o aparelho; uso excessivo com perda de controle; uso em situações socialmente inadequadas e mesmo perigosas; efeitos adversos nos relacionamentos; sintomas de abstinência como, sentimentos de raiva, tensão,

¹*Gadgets* representa uma gíria tecnológica para designar dispositivos eletrônicos portáteis, criados para facilitar funções específicas e úteis no cotidiano.

depressão, quando o aparelho está inacessível, ansiedade ao toque de notificação; sinais de tolerância como, desejo contínuo de trocar o aparelho por modelos novos e aumento no tempo diário de uso; deficiências funcionais e comportamentais como, mentiras, resultados ruins e isolamento social (ADELHARDT; MARKKUS; EBERLE, 2018; CRIPPA, 2017; LISSAK, 2018; NIKHITA; JADHAV; AJINKYA, 2015).

Esses comportamentos patológicos resultam de alterações estruturais e bioquímicas importantes que ocorrem no sistema nervoso de indivíduos que fazem uso excessivo do celular. Essas alterações ocorrem principalmente no núcleo *accumbens*, estrutura cerebral que forma nosso sistema de prazer e recompensa, bem como alteração nos níveis de dopamina, neurotransmissor responsável por ativar os circuitos de recompensa, ou seja, estimular o indivíduo sempre que o cérebro entender que está realizando experiências positivas e gratificantes (BAVERNHOFFER et al., 2015; CRIPPA, 2017; PAIVA; COSTA, 2015; SILVA; SILVA, 2017).

Diante do exposto, nos últimos anos, o uso excessivo de celulares tem gerado uma crescente preocupação, e, conseqüentemente, tem sido amplamente divulgado como um problema social emergente (DOMPLE; WADDE; GATTANI, 2017). Em alguns países como a Coreia do Sul, China, Japão, Índia e Austrália, o tema já é considerado um problema de saúde pública, uma vez que evidências têm demonstrado a associação do uso excessivo de celulares com impactos negativos na qualidade de vida, principalmente entre os mais jovens (KIM et al., 2018; LEE et al., 2017).

Evidentemente, os adolescentes são mais susceptíveis a usar o celular de forma excessiva, pois reconhecem que tal tecnologia é capaz de oferecer-lhes, além da praticidade para realização de tarefas e entretenimento, a possibilidade de ter autonomia, principalmente em relação aos pais, uma vez que podem navegar na internet, conversar com pessoas em redes sociais, sem a necessidade da permissão dos pais ou que eles saibam tudo o que fazem (CHA; SEO, 2018).

Adicionalmente, a imaturidade e a falta de controle do adolescente, o qual ainda se encontra em fase de desenvolvimento, o torna mais suscetível para os efeitos adversos do uso excessivo do celular, situação essa que se agrava pela falta de limites impostas pelos pais, vivência de conflitos familiares e pais ausentes (KIM et al., 2018; LI; LU, 2017).

Como consequência desse comportamento aditivo, o adolescente prefere passar mais horas do seu dia, interagindo com o aparelho e seus aplicativos, navegando pela internet e

redes sociais, do que interagindo com as pessoas ao seu redor (LEI et al., 2018). Com o tempo, o adolescente tende a se isolar de amigos e familiares (KIM et al., 2018), perder o interesse por atividades ao ar livre, pelo esporte e leitura (KORMENDI et al., 2016), apresentar piora na qualidade do sono, baixo rendimento escolar (LEE et al., 2017) e transtornos como déficit de atenção e hiperatividade (LIN et al., 2018) ansiedade e depressão (KIM et al., 2019).

Nesta fase da vida, os adolescentes podem apresentar valores, atitudes e comportamentos que podem se consolidarem um estilo de vida e perdurar por toda vida, como vícios, sedentarismo, má alimentação e outros (BRITO et al., 2019). Além disso, este público freqüenta pouco o serviço de saúde, o que torna a escola um espaço privilegiado para as ações de promoção e proteção à saúde (BRASIL, 2018)

Neste sentido, o Programa Saúde na Escola – PSE contribui para consolidar as estratégias promotoras de saúde no cenário escolar na perspectiva da saúde integral (LOPES; NOGUEIRA; ROCHA, 2018). Mediante o programa, o Enfermeiro exerce papel central no planejamento e na organização das atividades, contribui para o fortalecimento da relação entre saúde e a escola, bem como para o monitoramento da saúde desse público (BRITO et al., 2019).

Apesar dos avanços, as ações de saúde realizadas nas escolas, ainda se dão de forma inespecífica, ou seja, pouco direcionada para atender as reais necessidades e interesses dos adolescentes (LOPES; NOGUEIRA; ROCHA, 2018). É fundamental que os enfermeiros e professores conheçam o estilo de vida dos adolescentes, o modo como se expressam e como vêem o mundo, para então, desenvolverem ações em educação e saúde que atendam às necessidades dos adolescentes (BRASIL, 2018; BRITO et al., 2019).

Nesta perspectiva, o presente trabalho busca dar voz aos adolescentes para responder as seguintes questões de pesquisa:

- a) Qual a percepção de adolescentes escolares sobre o uso do celular?
- b) Quais as motivações para seu uso?
- c) Qual a relação do adolescente com o celular?
- d) Quais as possibilidades para reduzir o uso do celular?

Assim, este trabalho busca proporcionar subsídios para Enfermeiros e Professores entenderem os riscos do uso excessivo de celulares, bem como compreenderem melhor a relação dos adolescentes com essa tecnologia. Como efeito, os Professores podem tornar o

aprendizado mais interessante para os estudantes, ao invés de inibir o uso do celular em sala de aula, incorporando essa tecnologia e outras formas de multimídia às aulas, por exemplo, com o uso de *quizzes* de perguntas e respostas por meio de aplicativo, diálogo de conteúdo a partir de recortes da internet, animações ou filmes, produção de vídeos, entre outros. Em contrapartida, os Enfermeiros podem orientar os adolescentes para o uso consciente do celular e alertá-los para os riscos do uso excessivo desse dispositivo.

Adicionalmente, este trabalho ainda sugere a importância de incluir a prevenção do uso excessivo de celular como uma das ações de saúde previstas no âmbito do PSE, uma vez que se trata de uma tendência entre os adolescentes, com potencial para causar danos físicos, psíquicos e sociais.

2. PRESSUPOSTOS

a) Os adolescentes são caracterizados como nativos digitais pela sua capacidade de se apropriar com facilidade e naturalidade das tecnologias e mídias sociais (OLIVEIRA, 2017). Eles utilizam tais tecnologias, principalmente o celular, enquanto uma forma de se inserir e se conectar com o mundo, como uma ferramenta de comunicação e mediação nas relações sociais, bem como para entretenimento, estudo e trabalho.

b) As mídias sociais são recursos da internet constituídos por diversos aplicativos, tais como jogos, chats, álbuns para divulgação de fotos e vídeos, acesso a publicação de outros contatos, entre outros aplicativos tecnológicos que os adolescentes gostam e costumam dominar naturalmente. O problema dessas mídias é que, de modo geral, exigem disponibilidade total do sujeito, fazendo com que este se abstenha cada vez mais de momentos de descanso e lazer fora das telas (KALSING; BECKER, 2019). Neste sentido, considerando que o celular é, de longe o dispositivo de acesso à internet mais utilizado pelos adolescentes (CETIC.BR, 2020), é natural que passem várias horas do dia utilizando o celular para as mais diversas funções .

c) Na adolescência, o sujeito vivencia um período de fragilidade emocional, no qual ele experimenta mudanças biopsicossociais e ainda precisa se adequar às normas e padrões comportamentais impostos pela sociedade. Este período é também marcado pela busca de autonomia para formação da sua própria identidade, na qual o adolescente testa seus próprios limites, novas possibilidades e sua capacidade de lidar com problemas. (KRISTENSEN;

SCHAEFER; BUSNELLO, 2010). Nesse sentido, o celular pode representar para o adolescente a liberdade de fazer suas próprias escolhas, por exemplo, o que ele quer ler, ouvir, seguir, entre outras. Além disso, o celular pode ser a válvula de escape para as pressões do cotidiano, impedindo que essas tensões superem sua capacidade de dominá-las.

d) Assim como qualquer outro vício ou compulsão, a questão central é detectar o que está na origem do distúrbio. No caso do uso excessivo do celular pelos adolescentes, algumas motivações podem estar relacionadas a esse comportamento, tais como: a falta de interação familiar, lacunas ligadas à afetividade, falta de limites e a influência de amigos (RAMAL, 2017). Nesta perspectiva, embora o uso do celular possa ser influenciado pelos pares e mesmo pela globalização, a compulsão pode estar mais relacionada às questões familiares. Assim, um melhor relacionamento familiar, com mais diálogo e atividades desenvolvidas em conjunto pode ser um fator de proteção para transtornos compulsivos.

e) No âmbito educacional, com o advento da internet e a cultura móvel, a escola tem perdido progressivamente o monopólio da criação e transmissão do conhecimento. Neste cenário, já não cabe mais um ensino onde o professor é o portador do saber e o aluno apenas o aprendiz, pois o acesso rápido à internet por meio de um celular possibilitou aos alunos o poder de adquirir e trocar informações (NAGUMO, TELES, 2016). Assim, o banimento do celular da escola é uma solução simples que, em longo prazo, apenas enfraquece a educação.

3. OBJETIVO

Compreender a percepção de adolescentes escolares sobre o uso do celular.

3.1 Objetivos específicos

- a. Entender as motivações dos adolescentes para o uso do celular
- b. Compreender a relação dos adolescentes com o celular
- c. Apresentar possíveis estratégias para reduzir o uso de celular

4. REVISÃO DA LITERATURA

4.1 Processo de adolecer

A adolescência tem sido descrita pela literatura como um período de transição da infância para a vida adulta. Para a Organização Mundial da Saúde – OMS e a Organização Pan- Americana de Saúde – OPAS, o período da adolescência se estende dos 10 aos 19 anos, sendo estruturada em pré-adolescência, entre os 10 e 14 anos, e adolescência, entre 15 e 19 anos de idade (BRASIL, 2017) Enquanto que o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA considera como adolescente o sujeito com idade entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1990).

Até sua fase adulta, o adolescente passa por um “turbilhão” de mudanças que envolvem modificações físicas, sexuais, endócrinas, emocionais e sociais que ocorrem tudo ao mesmo tempo, resultando em comportamentos e emoções nunca antes sentidas pelo adolescente, família, amigos e outras pessoas que o cercam (FERRONATO, 2015).

Toda essa mudança, por sua vez, pode gerar desequilíbrios e instabilidades extremos no adolescente, alternando períodos de introversão, timidez, desinteresse e apatia com audácia, euforia e urgência. Essas instabilidades ainda cursam com conflitos afetivos, crises religiosas que também podem oscilar com ateísmo ou misticismo fervoroso, ascetismo e condutas sexuais dirigidas ao heteroerotismo ou homossexualidade ocasional (BRANDÃO, 2016).

O desenvolvimento do adolescente também sofre influencias socio-culturais, da família e companheiros, sendo a pressão exercida pelos grupos de pares o fator mais poderoso para determinar seu comportamento (FERRONATO, 2015). Por exemplo, gostar ou não de frequentar uma determinada escola, igreja ou qualquer entidade, dependerá do quão acolhido e aceito o adolescente se sentirá no grupo de pares. Assim, pertencer a um grupo, significa ser compreendido por alguém que está passando pelo mesmo processo de mudança e busca de identidade (OLIVEIRA, 2018).

Por outro lado, enquanto o adolescente busca uma identidade própria ao tentar se diferenciar das pessoas com as quais convive, começa a apresentar um comportamento tribal adquirindo os mesmos hábitos e gostos de um grupo social, podendo assumir inclusive

comportamentos de riscos, mesmo estes não sendo encontrados em seu núcleo familiar (CRESTANI, 2016; FRANKLIN et al., 2018).

É interessante considerar que a construção da identidade do adolescente é influenciada também pela globalização, especialmente no que se refere às demandas contemporâneas relacionadas ao volume e velocidade de informações, e a natureza dos relacionamentos, agora intermediados eletronicamente por meio das redes sociais (CRESTANI, 2016). Como um reforço a esse fenômeno, as redes sociais exibem padrões de beleza, comportamento, consumo e redes de amigos virtuais que estimulam a busca pela pressa e velocidade, características essas que marcam a geração de jovens do século XXI, conhecida como geração Z (OLIVEIRA, 2018).

Nesta perspectiva, é válido compreender como a globalização e a tecnologia da informação influenciou na mudança de comportamento das pessoas ao longo das gerações, principalmente dos adolescentes, os quais se adaptam com mais facilidade às mudanças.

4.2 O comportamento adolescente nas diferentes gerações

Geração pode ser definida como um conjunto de nascidos em uma mesma época, dentro de um mesmo contexto social, econômico, político e cultural, no qual se formam padrões de comportamento e valores (ABREU; FORTUNATO; BASTOS, 2016).

Cada geração compreende aproximadamente 25 anos, pois se entende que, com essa idade, possivelmente o sujeito já tenha descendentes, ou seja, uma nova linhagem. Hoje, no entanto, o choque de gerações é imediato devido à sucessão de acontecimentos que marcaram o desenvolvimento tecnológico nas últimas décadas. Acredita-se que a cada dez anos uma nova geração é formada. Neste contexto, surge a necessidade de configurá-las e caracterizá-las para identificar as diferenças comportamentais entre essas, por exemplo, entre um adolescente do século XX e outro do século atual (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2018).

As principais gerações estudadas são os *Baby Boomers*, X, Y e Z, descritas a seguir.

4.2.1 Geração *Baby Boomers*

Baby Boomers é uma geração de nascidos entre 1940 e 1960, que vieram ao mundo no período pós-segunda guerra mundial, num momento de reconstrução dos países envolvidos, uma era de prosperidade econômica e grandes avanços tecnológicos (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2018). No âmbito da educação os *Baby Boomer* também participaram da maior e mais impressionante onda de educação da história (TOLEDO; ALBUQUERQUE; MAGALHÃES, 2012). Cherubin (2012) explica que esses jovens tinham uma educação familiar bastante rígida e tinham como referência apenas o pai, avôs, tios, o padre e o professor. Por isso, a voz do professor ganhava força em sala de aula e sua autoridade era respeitada, realidade bastante diferente do cenário atual, no qual a geração da internet tem milhares de amigos no *facebook*, centenas de seguidores no *twitter* e o professor é apenas mais uma referência dentre todas as outras (TOLEDO; ALBUQUERQUE; MAGAALHÃES, 2012).

Os *Baby Boomers* foram uma geração de adolescentes e jovens com espírito coletivo, responsáveis por iniciar lutas por direitos civis e políticos. Eram jovens idealistas, combativos e disciplinados e, tais características, os levaram a conquistar o direito de serem jovens, se expressarem, de “botarem o pé na estrada” e ouvirem um bom *rock’n roll*. Uma minoria ainda conseguiu entrar em grandes centros acadêmicos. Foram chamados de “juventude libertária” (CASAROTTO, 2020).

No âmbito financeiro, os *Baby Boomers* são hoje os que concentram a maior parte da riqueza mundial e os que tomam as principais decisões ao redor do mundo, tanto no comando de países quanto de grandes empresas. No entanto, essa geração não cresceu nesse mundo acelerado, como nos dias atuais, por isso tendem a ser mais resistentes às mudanças, uma vez que priorizam a estabilidade em todos os sentidos da vida, principalmente na carreira (CASAROTTO, 2020).

4.2.2 Geração X

Abrange os nascidos a partir dos anos 1960 até 1980. Foram jovens que ainda guardaram muitas características dos *Baby Boomers*, ou seja, também zelavam pela estabilidade na carreira, eram disciplinados, respeitavam hierarquias, mas também buscavam a liberdade de serem e curtirem o que quisessem (CASAROTTO, 2020).

Essa geração cresceu em meio a guerra fria e, com a ditadura civil militar de alguns países, como o Brasil, fez com que muitos jovens se tornassem menos otimistas e mais céticos em relação às autoridades governamentais, ficando “cada um por si e Deus para todos”, no qual prevaleceu o individualismo e a competitividade sobre o senso coletivo. Tais atitudes também foram incentivadas também pela ação do marketing e da publicidade que se intensificaram sobre eles, tornando-os uma forte geração de consumidores (CASAROTTO, 2020).

Neste período, verifica-se um avanço o educacional, no setor privado, o qual amplia sua abrangência na área do ensino médio, nos cursos profissionalizantes, oferecendo cursos de baixo nível, predominantemente no período noturno. Essa proposta vinha exatamente em direção as necessidades do mercado que também coincidia com o desejo das classes consideradas subalternas, de melhorarem sua condição de vida utilizando o tão proclamado canal de ascensão: a escola. Como a realidade da maioria dos adolescentes e jovens da época não lhes permitia cursar uma universidade, precisavam trabalhar durante o dia para pagar e frequentar um curso profissionalizante durante a noite (TOLEDO; ALBUQUERQUE; MAGAALHÃES, 2012).

Quando inseridos no mercado de trabalho, esses jovens se mostravam dedicados e comprometidos com os objetivos da empresa, pois priorizavam a segurança no emprego. Todavia, esse comprometimento com a empresa, muitas vezes lhes custavam deixar de lado a os cuidados com a saúde, com a família e com a qualidade de vida (RECH; VIÊRA; ANSCHAU, 2017).

Diferentemente dos *Baby Boomers*, os jovens da geração X não se identificavam com movimentos políticos revolucionários da época e adotavam uma postura mais omissa, evitando se envolver diretamente em qualquer tipo de manifestação social. Por outro lado, encontravam na música uma forma de se expressarem seus valores, posições políticas, com ritmos irreverentes e muitas vezes até agressivo, priorizando nas letras a conquista do prazer e do êxtase (TOLEDO; ALBUQUERQUE; MAGAALHÃES, 2012).

4.2.3 Geração Y (*millennials*)

A geração Y, também conhecida como a geração do milênio – os *millennials* caracterizam a ascensão do computador, da internet e outras tecnologias digitais. Esse grupo

viu a internet nascer, o mundo se tornar mais veloz e as informações circularem rapidamente, em questão de segundos (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2018).

Essa geração compreende os nascidos entre 1980 e 1995, um período histórico caracterizado pela instabilidade econômica e política no Brasil, bem como em muitos países da América latina. Mas foi também um período de grande avanço no campo cívico com a volta da democracia e na econômica com o surgimento do plano Real (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2018).

Diante desse contexto, os *millennials* se tornaram muito mais flexíveis às mudanças. Mais que isso: eles tornaram-se ávidos por inovação e pelos desafios das transformações. Diferente de seus pais, eles não se importam tanto com a estabilidade de um emprego, mas “pela paixão, ousadia e experiência que um trabalho possa trazer (CASAROTTO, 2020).

São jovens questionadores, que por terem crescido com a globalização, possuem uma visão global, que se preocupa com a sustentabilidade, com o consumo consciente, com a solidariedade ao próximo, pois se importam com o planeta e com as futuras gerações (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2018).

Como estão constantemente conectados, constroem e participam de redes de relacionamento que reforçam os seus valores e ideais. Assim, a construção da sua identidade já não se limita apenas ao contexto familiar e da cultura de onde vivem, suas mensagens alcançam o mundo (CASAROTTO, 2020).

Essa geração viu o mundo acelerar diante de seus olhos, a comunicação acontecer em tempo real com pessoas do outro lado do globo, as informações serem obtidas por meio de um clique, um produto ser comprado sem sair de casa. Isso fez dos *millennials*, jovens considerados imediatistas ou até mimados, que querem ter tudo o que desejam o mais rápido possível, seja uma mensagem no celular ou o sucesso na carreira (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2018). Além da urgência em conquistar o que desejam, eles também costumam se cobrar demais por resultados o que, geralmente, leva a maiores níveis de medo, ansiedade e outros problemas psicológicos (CASAROTTO, 2020).

Essa geração ainda se destaca por apresentar dois marcos históricos que divide a geração Y em: *Old millennials*, adolescentes nos anos 90, e *Young millennials*, adolescentes nos anos 2000. Tais acontecimentos são marcados pelo surgimento dos celulares e da cultura *móvil*, e a quebra de instituições financeiras que dão origem a uma recessão global, com altos índices de desemprego e aumento da inflação (DEARO, 2017).

Neste cenário, os *Olds millennials* ainda conheceram a vida sem a internet. Quando os celulares e redes sociais surgiram, eles já eram adultos. Ainda na infância e adolescência foram surpreendidos pela recessão econômica e, por isso, tiveram que se tornar mais flexíveis e colaborativos. Já os *Youngs millennials*, nasceram conectados à internet e já na infância adotaram a cultura móvel. Porém conheceram o mundo em recessão econômica, o que os fez serem mais realistas, questionadores e financeiramente mais conscientes (DEARO, 2017).

4.2.4 Geração Z

Nascidos entre 1995 e 2010, esses jovens não conheceram o mundo antes da internet e cresceram com o celular na mão. Dominam a linguagem digital dos computadores, internet e vídeo games, por isso são chamados de “nativos digitais”. Para esses adolescentes, não existe “ficar *off-line*”, pois estão conectados 24 horas por dia, não importa onde estejam (TOLEDO; ALBUQUERQUE; MAGALHÃES, 2012).

Trata-se de uma geração nascida na era do *big data*, da explosão de dados e informações, por isso são extremamente ágeis, com capacidade para desenvolver múltiplas tarefas ao mesmo tempo como, estudar e ouvir música, responder mensagens no *whats App* enquanto assisti uma série, conseguindo armazenar uma grande quantidade de informações (RECH; VIÊRA; ANSCHAU, 2017).

No Brasil, essa geração nasce em um momento considerado próspero para a economia e para a justiça social. Porém, logo na adolescência, vivenciam uma crise política e econômica após as eleições presidenciais de 2014 (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2018). Este contexto motivou os adolescentes a se tornarem mais engajados politicamente em movimentos de contestação ao governo – seja para um lado ou para o outro.

Exemplo desse engajamento político foi o movimento de ocupação das escolas iniciada em 2015 no Brasil, a qual foi considerada como a mobilização estudantil mais bem-sucedida da história. Os estudantes protestavam contra o projeto de reorganização escolar imposta pelo governo de São Paulo. Depois de quase 60 dias, que resultou no envolvimento de mais de 200 colégios, o governo recuou e suspendeu a reorganização. O sucesso desse movimento inspirou outras mobilizações estudantis pelo país ao longo de 2016, sendo o ápice do movimento em agosto, quando o governo federal propôs uma reforma do ensino médio e uma emenda constitucional que estabelecia um teto para gasto público federal, alunos do

ensino médio de todo o país se uniram e ocuparam mais de 1000 escolas em protesto (OSHIM; MORRONE, 2017).

Neste cenário, os jovens dessa geração desenvolveram um forte senso crítico que se torna uma marca de sua identidade. É com esse olhar crítico que os adolescentes dessa geração enxergam o Brasil, enfrentam a recessão econômica e procuram se politizar para lutar por seus direitos. Apesar disso, são jovens que se sentem inseguros quanto ao futuro e, por isso são mais pragmáticos e realistas. Preocupam-se com o dinheiro e zelam mais pela estabilidade financeira do que trabalhar no que realmente lhes daria prazer (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2018). Todavia, apresentam resistência para trabalhar em equipe e seguir padrões estruturais hierárquicos (CASAROTTO, 2020).

No âmbito da educação, a geração Z tem trazido grandes desafios para os professores, pois não se adaptaram a estrutura escolar tradicional. Esses jovens querem mais do que um professor explicando o conteúdo em uma lousa ou em multimídia. Eles querem liberdade para organizar e promover eventos culturais extracurriculares, participar de decisões de impacto na escola, organizar e participar de mutirões e campanhas para melhorias na comunidade, se envolver em projetos sociais e ambientais, enfim, eles querem ser parte da escola (OSHIM; MORRONE, 2017).

Esses jovens sabem o que querem, são críticos, inteligentes e sentem a necessidade de expor o que pensam. Por serem familiarizados com a tecnologia, usam a internet como um meio para manifestar suas opiniões sobre temas diversos, seja por meio de textos, imagens, “memes” ou “*tweets*”, com mensagens curtas e diretas, uma linguagem própria do seu tempo. Assim, eles alcançam e conquistam centenas a milhares de seguidores que compartilham dos mesmos pensamentos e, a partir disso, criam redes de ativismo que saem das telas e ocupam as ruas (CASAROTTO, 2020).

Por outro lado, as redes sociais, embora sejam ferramentas poderosas no sentido de liberdade de expressão, também podem ser traiçoeiras, promovendo um espaço de ilusão, onde as pessoas exibem um padrão de vida que não é real. Isso, por sua vez, pode trazer conseqüências para a saúde mental dos adolescentes que não compartilham do mesmo estilo de vida, gerando assim muitos casos de ansiedade, depressão e até suicídio (CASAROTTO, 2020).

Nos dias atuais, o celular tornou-se a principal Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC utilizada no mundo para acesso à internet e aplicativos de redes sociais,

e, sendo os adolescentes os maiores consumidores dessa tecnologia, é importante conhecer os efeitos do uso excessivo de celular em adolescentes, bem como suas motivações de uso.

Neste sentido, a revisão integrativa pode ser útil para fornecer um conhecimento mais profundo sobre o fenômeno baseando-se em estudos anteriores.

4.3 Revisão integrativa da literatura

4.3.1 Método

Para o desenvolvimento do estudo, elaborou-se um protocolo constituído por seis etapas metodológicas (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014). A primeira etapa refere-se à elaboração da pergunta norteadora, a qual foi definida a partir da estratégia PVO (população, variável e outcome/desfecho) (BIRUEL; PINTO, 2011). Onde P constitui os adolescentes, V representa o uso excessivo de celular e, O são os fatores, consequências e estratégias relacionadas ao uso do celular. A pergunta orientadora constitui-se em: Que fatores e consequências estão relacionados ao uso excessivo de celulares entre adolescentes e, quais estratégias têm sido utilizadas para diminuir ou prevenir o uso excessivo desse tipo de dispositivo?

A segunda etapa corresponde à amostragem na literatura, baseada nas diretrizes preconizadas pelo protocolo PRISMA – *Preferred Reporting Items for Systematic review and Meta-Analyses*, que auxilia no processo de inclusão dos estudos (MOHER; TETZLAFF; ALTMAN, 2015).

Para seleção dos estudos, as seguintes bases de dados foram consultadas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *US National Library of Medicine* (PubMed) e a *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), a partir da combinação de termos controlados obtidos pelo Descritores em Ciências da Saúde (DECS) e o *Medical*

Subject Headings (MeSH), em associação com os operadores booleanos “*And*” e “*Or*”. Os termos controlados utilizados para a pesquisa foram *adolescent*, *student*, *cellphone*, *smartphone* e seus sinônimos, como apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Termos controlados obtidos pelos Descritores em Ciências da Saúde e o *Medical SubjectHeadings* combinados com operadores booleanos

Combinação de termos controlados com operadores booleanos
<p>“Adolescent” OR “Adolescents” OR “Adolescence” OR “Teens” OR “Teen” OR “Teenagers” OR “Teenagers” OR “Student” OR “Students”</p> <p style="text-align: center;">AND</p> <p>“Celulares” OR “Celular” OR “Smart Phones” OR “Smart Phone” OR “Phone, Smart” OR “Phones, Smart” OR “Phone, Cell” OR “Cell phone” OR “Phones, Cell” OR “Cellular Phone” OR “Cellular Phones” OR “Phone, Cellular” OR “Phones, Cellular” OR “Telephone, Cellular” OR “Cellular Telephone” OR “Cellular Telephones” OR “Telephones, Cellular” OR “Cell Phones” OR “Mobile Phone” OR “Mobile Phones” OR “Phone, Mobile” OR “Phones, Mobile” OR “Mobile Telephone” OR “Mobile Telephones” OR “Telephone, Mobile” OR “Telephones, Mobile”</p>

Fonte: produção do próprio autor (2020).

A busca pelos artigos realizou-se no mês de maio de 2020, sendo incluídos os artigos que abrangiam os anos de 2016 a 2020, publicados em inglês, espanhol e português, texto completo e que apresentavam títulos e resumos que abordavam à causa e ou efeito do uso excessivo do celular em adolescentes, ou ainda, estratégias de enfrentamento para prevenir/reduzir o uso excessivo de celular em adolescentes. Sendo que, foram considerados como adolescentes os sujeitos dentro da faixa etária de 10 a 19 anos – seguindo a caracterização por faixa etária desse momento do desenvolvimento proposta pela OMS.

Foram excluídos os artigos com foco na dependência de jogos e internet, bem como estudos que envolviam o uso de outros dispositivos como *tablets*, computadores e televisão, artigos em duplicidade nas bases de dados, artigos não disponíveis na internet; capítulos de livros, teses e dissertações.

A terceira etapa constituiu-se na seleção dos artigos por meio da leitura de títulos e resumos e na coleta de dados por meio de um instrumento descritivo construído no Microsoft Excel, contendo os seguintes elementos: autor, ano, país, periódico amostra, delineamento e evidência científica. A partir disso, foi possível a aplicação da quarta etapa do processo, a análise crítica dos estudos selecionados.

A avaliação do risco de viés dos estudos ocorreu por meio do Cochrane ACROBAT-NRSI (“*A Cochrane Risk Of Bias Assessment Tool for Non-Randomized Studies*”) (STERNE; HIGGINS, 2014), que permite avaliar o risco de viés de estudos de intervenção, porém não randomizados e observacionais. Foram contemplados os seguintes domínios: viés de confusão, viés de seleção, viés de aferição da intervenção, viés de performance e contaminação entre os grupos, perdas, viés de mensuração dos desfechos e relato seletivo dos desfechos. Para cada domínio, o instrumento classifica o risco de viés em: baixo, moderado, grave, crítico e sem informação para julgamento.

A qualidade da evidência dos estudos selecionados foi avaliada utilizando o sistema *Grading the quality evidence and the strength of recommendations* (GRADE) (GUYATT et al., 2011) que visa propor critérios para avaliação da evidência, com posterior definição da direção e força das recomendações. Assim, o sistema considera alguns fatores que podem diminuir a qualidade da evidência, como: limitação metodológica, inconsistência, evidência indireta, imprecisão e viés de publicação. Por fim, a qualidade da evidência é graduada como alta, moderada, baixa ou muito baixa.

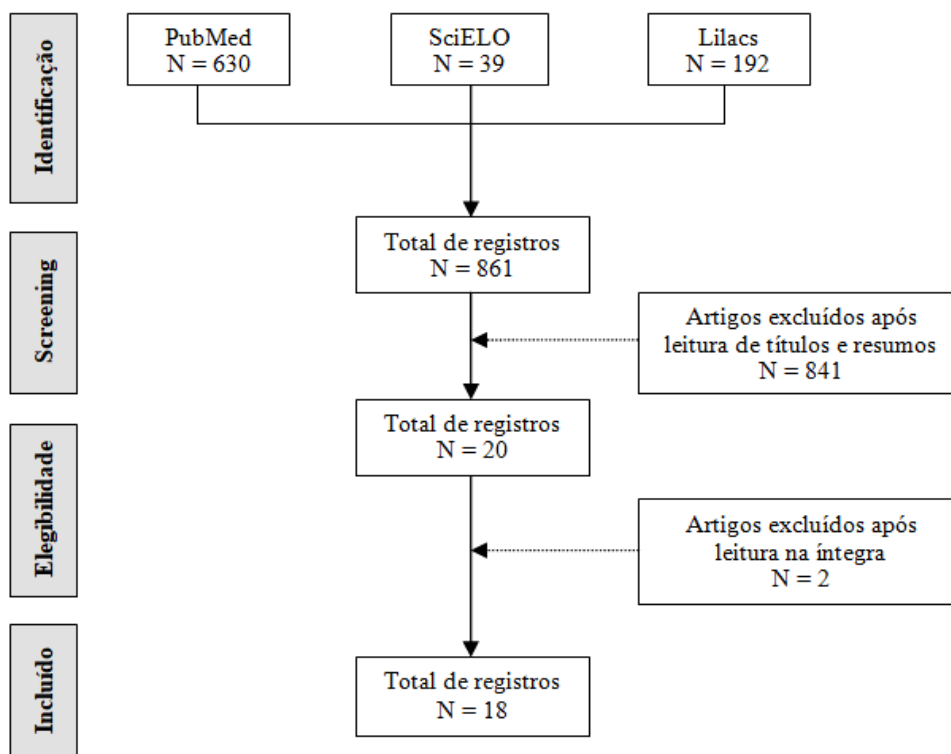
Os procedimentos foram realizados por dois pesquisadores independentes e, embora tenham sido previstas reuniões para alcançar consensos, não houve casos de discordância sobre a inclusão ou exclusão de artigos na revisão. Para análise dos resultados foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, modalidade Temática (BARDIN, 2011).

A exposição dos resultados e discussão (quinta etapa), bem como a apresentação da revisão integrativa (sexta etapa), é apresentada no próximo tópico.

4.3.2 Resultados e Discussão

A busca de artigos utilizando a combinação de termos controlados e operadores booleanos, apresentados no Quadro 1, resultou em 861 artigos. Após a leitura de título e resumos, aplicando os critérios de inclusão e exclusão, restou 20 artigos para leitura na íntegra. Nesta etapa, 02 artigos foram excluídos por envolver tempo de tela com outros dispositivos eletrônicos, permanecendo ao final 18 artigos que foram incluídos no escopo de análise. A Figura 1 apresenta o fluxograma da busca sistemática para essa revisão.

Figura 1 – Fluxograma da busca realizada nas bases de dados e seleção dos artigos



Fonte: produção do próprio autor (2020).

Os 18 artigos incluídos para análise foram organizados conforme apresentado no Quadro 2.

Todos os estudos foram publicados em inglês (100%), sendo Coréia (39%) e China (33,3%) os locais de origem da maior parte dos artigos e os delineamentos utilizados nos estudos foram predominantemente quantitativos (17 estudos, 94,4%), sendo apenas um relato de caso.

Quadro 2– Instrumento de coleta de dados para análise dos artigos abrangendo os anos de 2016 a 2020, a partir da pergunta: Que fatores e consequências estão relacionados ao uso excessivo de celulares entre adolescentes e, quais estratégias têm sido utilizadas para diminuir ou prevenir o uso excessivo desse tipo de dispositivo?

Autor	País	Periódico	N*	Delineamento	Evidência científica
Tamura et al.(2017)	Japão	<i>Int. J. Environ. Res. Public Health</i>	295	Transversal	O tempo de 2 horas ou mais de celular foi associado à insônia e depressão.
Nijssen et al.(2018)	Holanda	<i>Plos One</i>	947	Transversal	O tempo de uso de celular foi associado ao baixo desempenho escolar.
Zhen et al. (2019)	China	<i>Int. J. Environ. Res. Public Health</i>	4.509	Transversal	Uma fraca relação entre pais e filhos está associada a solidão, motivação para escape e maior motivação para uso problemático do celular.
Tao et al. (2016)	China	<i>BMC Public Health</i>	14.221	Transversal	O uso problemático de celular e sintomas psicopatológicos foram associados a lesões não intencionais.
Kim et al. (2019)	Coréia	<i>Plos One</i>	62.276	Transversal	O uso excessivo de celular foi associado a conflitos familiares, com amigos, baixo desempenho escolar e maior probabilidade para tentativas de suicídio.
Li et al. (2019)	China	<i>Int. J. Environ. Res. Public Health</i>	22.628	Transversal	O uso problemático de celular, bem como a baixa alfabetização em saúde foram associados a maior ocorrência de automutilação em adolescentes.
Kim e Chun (2018)	Coréia	<i>Plos One</i>	2.351	Transversal	Fatores ambientais como, bairro e vizinhança, apresentam efeito amenizador para a dependência de celular em adolescentes com pais abusivos.
Park et al. (2019)	Coréia	<i>Int. J. Environ. Res. Public Health</i>	1.794	Coorte	O uso excessivo de celular foi relacionado ao risco de dependência e depressão.
Wang et al. (2017)	China	<i>Journal of Behavioral Addictions</i>	768	Transversal	A necessidade de pertencer foi relacionada ao risco de dependência de celular, baixo autoestima e pior relação com os pares.

(Continua)

(Conclusão)

Autor	País	Periódico	N*	Delineamento	Evidência científica
Li, Jiang e Ren. (2017)	China	<i>Psychiatri Danubina</i>	1.346	Caso-controle	A dependência de celular foi associada a depressão, baixo apoio social e fraca emoção positiva diante de eventos estressantes.
Lee et al. (2017)	Coréia	<i>J Korean Med Sci</i>	1.125	Coorte	A dependência de celular foi associada a pior qualidade do sono.
Um et al. (2019)	Coréia	<i>Int. J. Environ. Res. Public Health</i>	1.863	Transversal	A dependência de celular foi correlacionada a baixa resiliência, difícil relacionamento familiar e entre os pares e maior probabilidade de se envolverem em agressões.
Lee, Kim e Choi. (2017)	Coréia	<i>J Korean Med Sci</i>	370	Transversal	Os fatores de risco foram: sexo feminino, traço onipresente, preocupação com o celular e conflitos.
Xie et al. (2018)	China	<i>Journal of Behavioral Addictions</i>	686	Transversal	Adolescentes que apresentaram maior uso problemático do celular, também apresentaram mais sintomas de desgaste físico.
Randler et al. (2016)	Alemanha	<i>Journal of Behavioral Addictions</i>	342	Transversal	Adolescentes que utilizam o celular à noite apresentaram maior tendência de uso problemático do celular.
Kormendi et al. (2016)	Hungria	<i>Journal of Behavioral Addictions</i>	01	Relato de caso	A adolescente do estudo apresenta sinais e sintomas que a caracterizam como dependente de celular.
Extremera et al. (2019)	Espanha	<i>Int. J. Environ. Res. Public Health</i>	845	Transversal	Adolescentes que sofrem de uso problemático de celular apresentaram menor regulação positiva de suas emoções.
Lee et al. (2016)	Coréia	<i>J Korean Med Sci</i>	335	Ensaio de campo	O grupo intervenção apresentou diminuição da dependência de celular e os pais apresentaram maior preocupação em relação as atividades de celulares de seus filhos.

N*: Número de participantes da pesquisa

Fonte: produção do próprio autor (2020).

Quanto à qualidade da evidência científica dos estudos, todos os artigos apresentaram técnicas de amostragem adequadas e a mesma medida de avaliação para os diferentes grupos, este último especificamente para estudos com delineamento caso-controle (LI; JIANG; REN, 2017), coorte (LEE et al., 2017; PARK et al., 2019) e ensaio de campo (LEE; SEO; CHOI, 2016).

Segundo o sistema Grade (GUYATT et al., 2011), os estudos ainda responderam aos objetivos propostos, discutiram todos os achados, apresentaram resultados significativos e gradiente dose – resposta proporcional, ou seja, quanto maior o nível do preditor, maior foi a

intensidade do desfecho. Deste modo, os estudos dessa revisão apresentaram alta qualidade de evidência científica.

Quanto à avaliação dos riscos, segundo o sistema Cochrane ACROBAT-NRSI (STERNE; HIGGINS, 2014), de modo geral, não foram detectados fatores de confusão que pudessem ter influenciado no desfecho dos estudos. No processo de amostragem, todos os indivíduos foram selecionados da mesma fonte, geralmente adolescentes escolares, e tiveram a mesma chance de participar do estudo. Ainda digno de nota, vale destacar que as perdas de participantes dos estudos foram mínimas e, dados faltantes foram tratados por meio de exclusão dos questionários.

Os estudos também apresentaram baixo risco de viés de aferição, pois utilizaram a mesma medida de intervenção e avaliação do desfecho para ambos os grupos (LEE; SEO; CHOI, 2016; LI; JING; REN, 2017) ou para a mesma amostra ao longo da pesquisa (LEE et al., 2017; PARK et al., 2019). Além disso, no estudo de Li, Jiang e Ren (2017), os grupos foram escolhidos aleatoriamente por meio do método cluster estratificado e os participantes permaneceram anônimos por todo o estudo, o que reduz o risco de viés de performance e contaminação entre os grupos.

Em todos os trabalhos os resultados significativos e não significativos foram apresentados e discutidos, expondo as limitações e possíveis vieses. Diante do exposto, os estudos incluídos nessa revisão apresentaram baixo risco em todos os domínios do sistema Cochrane ACROBAT-NRSI (STERNE; HIGGINS, 2014).

Núcleos Temáticos

O material coletado foi agrupado por similaridade em Núcleos Temáticos (NT), conforme os pressupostos da Análise de Conteúdo, modalidade Temática (BARDIN, 2011), originando os seguintes núcleos: Efeitos do uso excessivo do celular nos adolescentes; Motivações dos adolescentes para o uso excessivo do celular e; Possibilidades de intervenções para reduzir o risco de dependência de celulares em adolescentes.

Efeitos do uso excessivo do celular nos adolescentes

Os estudos dessa revisão demonstram que os adolescentes são os sujeitos mais vulneráveis aos efeitos do uso excessivo de celular, não porque o celular em si se caracterize um problema, mas porque o adolescente não possui ainda um sistema de autocontrole bem desenvolvido (LEE et al., 2017; LEE; SEO; CHOI, 2016; TAO et al., 2016). Com efeito, eles apresentam mais facilmente comportamentos viciantes em tecnologias, se comparados aos adultos (LEE; SEO; CHOI, 2016). Na Coreia, por exemplo, três a cada dez adolescentes são dependentes de celulares, representando uma taxa de 29,2% (LEE et al., 2017). Em 2013 essa taxa já era 2,9 vezes maior em adolescentes do que em adultos (KIM; CHUM, 2018; LEE; KIM; CHOI, 2017).

Assim como a Coreia, outros países também têm mostrado dados preocupantes de dependência de celulares em adolescentes, como a China, onde 16% dos adolescentes já sofrem desse transtorno (TAO, 2016), Britânia 20,5% (ZHEN et al., 2019), Tunísia 26,9% (TAO, 2016) e, Coreia do Sul 29,3% (KIM; CHUM, 2018). No Reino Unido 60% dos

adolescentes chegaram se declarar como altamente dependentes de seus celulares (KIM et al., 2019).

Além da dependência, a literatura tem apresentando outras consequências aos adolescentes, como a qualidade e duração do sono que podem ser afetados pelo uso excessivo de celular e que, por sua vez, pode resultar em danos no desenvolvimento do sujeito (LEE et al., 2017; TAMURA et al., 2017; XIE; DONG; WANG, 2018).

De modo geral, os adolescentes não só utilizam seus celulares por longos períodos do dia como também gostam de usá-lo à noite antes de dormirem, pois é nesse horário que, em seus quartos, se sentem mais livres e podem ter mais privacidade sem serem interrompidos (TOH et al., 2019). O uso do celular na cama à noite afeta negativamente o sono. Isso pode ocorrer devido à exposição à luz refletida pelo aparelho, perturbando os ritmos circadianos e a qualidade do sono (TAMURA et al., 2017). Além disso, o uso prolongado do celular pode representar o risco de dependência, contribuindo também para a má qualidade do sono e problemas psicológicos como a ansiedade e a depressão. Em seu estudo, os adolescentes que relataram maior uso de celular, cinco horas ou mais, apresentaram maior prevalência de insônia e depressão do que os adolescentes com menos tempo diário de uso.

Ainda neste sentido, adolescentes com pior *score* de dependência de celular também apresentaram pior qualidade de sono (LEE et al., 2017). O uso excessivo de celular, principalmente no período da noite, incide em níveis mais altos de fadiga durante o dia, síndromes oculares, disfunções corporais, imunológicas e piora da qualidade do sono (LEE; KIM; CHOI, 2017).

Como efeito da própria dependência de celular, os adolescentes podem apresentar comportamentos de falta de controle do uso do aparelho, o que eventualmente envolve consequências negativas na vida cotidiana e que não devem ser subestimadas. Lesões não intencionais causadas por acidentes de trânsito são exemplos de consequências negativas

causadas pela distração cognitiva em função do uso do celular em via pública e durante a condução, especialmente entre os homens (RIOS et al., 2020).

Importante salientar que adolescentes com uso excessivo de celulares apresentam associações significativamente maiores com lesões não intencionais como atropelamentos, colisão de pedestres e queda, do que adolescentes com uso moderado de celular (TAO et al., 2016). Acresce-se a isso evidências de que adolescentes com sintomas psicopatológicos também apresentaram maior associações com lesões não intencionais, todavia, não foi investigado se sintomas psicopatológicos estavam associados ao uso excessivo de celulares (TAO et al., 2016).

No âmbito psicológico, os efeitos do uso excessivo de celulares para os adolescentes podem se apresentar de formas ainda mais complexas, como a depressão (TAMURA et al., 2017), automutilação (LI et al., 2019) e tentativas de suicídio (KIM et al., 2019). Obviamente, tais eventos psicológicos não resultam apenas do uso excessivo de celular, mas do sinergismo entre múltiplos fatores.

Nessa perspectiva, um estudo que buscou investigar a associação entre a automutilação, uso excessivo de celular e a compreensão de autocuidado em saúde com 22.628 adolescentes chineses, observou que 32,1% relataram comportamentos de automutilação nos últimos doze meses. A automutilação foi mais prevalente em adolescentes com uma compreensão de autocuidado em saúde limitada e adolescentes que faziam uso excessivo de celular (LI et al., 2019).

Tais comportamentos de risco em adolescentes podem sinalizar para problemas com os quais o adolescente não esteja conseguindo lidar, como, conflitos familiares, dificuldade de relacionamentos, baixo desempenho acadêmico, entre outros. Neste sentido, o uso excessivo do celular pode servir como uma válvula de escape para fugir desses conflitos, e, quanto mais frequente e prolongado se torna o uso, mais problemas vão se agregando a possíveis outros

problemas já existentes, a exemplo de maior risco para dependência do celular, acidentes de trânsito, depressão, solidão e tentativa de suicídio (KIM et al., 2019; PARK et al., 2019; TAMURA et al., 2017; ZHEN et al., 2019).

Motivações dos adolescentes para o uso excessivo do celular

Diante dos possíveis efeitos negativos que o uso excessivo de celulares pode causar nos adolescentes, é fundamental compreender os fatores que influenciam esse comportamento. Wang et al. (2017) buscou investigar como a autoestima dos adolescentes pode mediar a relação entre relacionamento com os pares e a dependência em celulares, fundamentando-se na teoria de que, o sentimento de proximidade e conexão com os outros é uma necessidade humana psicológica universal, e é um elemento essencial para o bem-estar do sujeito.

É sabido também que, principalmente na adolescência, a aceitação pelos pares pode ser um fator de proteção da autoestima. Os adolescentes com melhor relacionamento entre os pares, apresentaram maior autoestima, menor necessidade de pertencimento e menor risco de desenvolver dependência em celulares (WANG et al., 2017).

Outrossim, um estudo realizado com 1.346 adolescentes escolares chineses objetivando avaliar os efeitos mediadores das emoções positivas na relação entre o apoio social e a depressão entre adolescentes que sofrem de dependência de telefones celulares, evidenciou uma correlação positiva significativa entre emoções positivas e suporte social. Tanto as emoções positivas quanto o apoio social demonstraram correlação negativa significativa com a depressão. Assim, tanto o apoio social quanto as emoções positivas podem reduzir os níveis de depressão entre adolescentes que sofrem de dependência de telefones

celulares. O apoio social contribui para aumentar as emoções positivas em adolescentes dependentes de celular, reduzindo assim os níveis de depressão, concluindo-se a necessidade de um maior apoio e cuidado a essa população (LI; JIANG; REN, 2017).

Embora o relacionamento com os pares seja, reconhecidamente, mais importante na adolescência, o bom relacionamento com os pais, fornece aos adolescentes o acolhimento e a segurança, capaz de satisfazer suas necessidades psicológicas *off-line*, além de ajudar na supervisão do comportamento diário do adolescente. Todos esses fatores são fundamentais para proteger os adolescentes da dependência de celular, bem como de outros comportamentos de risco. Adolescentes que relatam viver um relacionamento ruim com seus pais apresentam mais vivências de solidão e a dependência de celular (ZHEN et al., 2019).

Adicionalmente, a saúde das crianças e adolescentes, bem como os comportamentos de saúde por eles adotados, estão intimamente relacionados não somente com a família, mas também com a comunidade em que vivem. Por exemplo, um bairro com alta pobreza, menor infraestrutura, população mais idosa ou baixo grau de escolaridade, está associado a um apoio social limitado e maior dificuldade dos adolescentes em verbalizar suas emoções e, assim, sofrerem em silêncio (KIM; CHUM, 2018).

Relação e vivência com pais abusivos, representa maior associação com dependência de celular. Por outro lado, os adolescentes que vivem em comunidades com pessoas de maior nível de instrução, menos idosos e com melhor infraestrutura apresentaram uma menor associação entre abuso dos pais e dependência de celular (KIM; CHUM, 2018).

Neste sentido, o estresse pessoal causado por fatores sociais pode ter uma influência negativa na dependência em celular, bem como para outros transtornos psicológicos como a depressão, ansiedade e comportamentos compulsivos (LEE; SEO; CHOI, 2016).

Possibilidade de intervenção para reduzir o risco de dependência de celulares em adolescentes

Embora o fenômeno do uso de celulares por adolescentes ainda contenha muitas dimensões a serem exploradas, buscar intervenções eficazes que ajudem a minimizar os impactos do uso excessivo de tecnologias entre os adolescentes é também algo emergente, uma vez que podem causar consequências que podem os acompanhar até a vida adulta.

Vale ressaltar que nessa revisão, apenas um estudo de intervenção foi encontrado e, apesar de apresentar o tempo como uma de suas limitações do estudo, apenas duas semanas, conseguiu resultados consideravelmente significativos para diminuir o risco de dependência de celulares em adolescentes.

No referido estudo (LEE; SEO; CHOI, 2016), 46 adolescentes do ensino médio, considerados como grupo de alto risco para dependência de celulares, participaram de uma terapia de duas semanas visando à redução desse risco. Nessa terapia, os adolescentes descreveram suas atividades de celular em um diário, contendo o tempo que permaneciam utilizando o dispositivo, o conteúdo e a motivação de uso. Os pais também foram envolvidos nessa terapia, dialogando diariamente com seus filhos sobre suas atividades de celular. Após esse curto período, o grupo de alto risco de dependência, quando comparado ao grupo de baixo risco, apresentou uma diminuição significativa no risco de desenvolver dependência e os pais apresentaram um aumento da preocupação em relação à atividade de celular de seus filhos (LEE; SEO; CHOI, 2016).

Vale reconhecer que as profundas mudanças psicossociais no modo como se compreende as adolescências ocorridas nas últimas décadas, o maior acesso ao celular e à tecnologia foram positivos, principalmente para os chamados “nativos digitais” e suas

variações de nomenclatura (geração digital, geração Y e Z etc.). Contudo, os estudos revisados apontam para a necessidade de converter a abordagem meramente retórica ou descritiva em ações capazes de compreender como o uso excessivo do celular, por exemplo, pode ser prejudicial cognitiva, social e afetivamente. Nesse sentido, a área da saúde, principalmente na atenção primária, pode contribuir com abordagens voltadas para o desenvolvimento de outras formas de aprender, ter lazer e socializar.

Para tanto é necessário superar os estigmas relacionados aos adolescentes que são compreendidos, muitas vezes, como problemáticos ou difíceis de cuidado, ao mesmo tempo em que não se pode conceber como naturais comportamentos que reforçam um certo nível de determinismo tecnológico (os adolescentes não interagem presencialmente mesmo ou ficam conectados o tempo todo, por exemplo). Superadas essas ideias, os profissionais da saúde podem propor intervenções baseadas na dramatização de cenas cotidianas ou a partir da perspectiva dos círculos de cultura que ajudam os adolescentes a se conectarem com a comunidade, com os pares e com suas próprias subjetividades em relação com o contexto (BRANDÃO NETO et al., 2015; VASCONCELOS et al. 2015).

Entretanto, pondera-se que os resultados dessa revisão devem ser interpretados considerando suas duas principais limitações. Primeiramente, a não identificação de estudos brasileiros sobre o tema pode ter se relacionado aos termos dos procedimentos de busca, visto que muitos estudos nacionais podem não apresentar explicitamente em seus títulos, resumos ou palavras-chave os que foram utilizados. Em segundo lugar, a limitação das fontes consultadas pode ter contribuído para que muitos estudos produzidos no âmbito nacional não fossem identificados por estarem publicados em periódicos não indexados, o que pode ter impossibilitado a identificação de estudos potencialmente relevantes. Outros estudos, principalmente no Brasil, podem abordar a temática a partir de diferentes delineamentos com

o objetivo de oferecer evidências empíricas sobre o uso excessivo de celulares pelos adolescentes.

4.3.3 Considerações finais

As produções científicas relacionadas ao uso de celular por adolescentes demonstraram que os efeitos do uso em excesso pode trazer consequências biopsicossociais, que abrangem desde disfunções corporais, como fadiga e insônia, até sintomas psicopatológicos como a ansiedade e a depressão. Essas últimas, por sua vez, podem trazer repercussões graves para o adolescente, como a solidão, comportamentos de automutilação e o suicídio. No que se refere as evidências sobre a motivação dos adolescentes para o uso excessivo do celular, verificou-se que a autoestima, o apoio social e o relacionamento tanto familiar quanto com os pares, foram os aspectos mais relevantes e que podem ser explorados em futuras intervenções. O estudo sinaliza a importância da área da saúde, principalmente na atenção primária, de ampliar o conhecimento sobre o tema e propor ações que visem a ressignificação do tempo e do lazer dos adolescentes – que não podem ser relacionados apenas ao uso do celular.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

5.1 Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, de cunho descritivo e exploratório.

A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2018), é aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais. Sustenta-se no fundamento de que há uma relação estreita e indissolúvel entre o objeto e o sujeito, propiciando o emergir de opiniões, crenças e valores da realidade em foco.

Minayo (2012) enfatiza que a pesquisa qualitativa é constituída por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam, são esses: a experiência, a vivência, o senso comum e a ação. A experiência diz respeito ao que o ser humano apreende no lugar que ocupa no mundo e nas ações que realiza. Como parte da experiência humana, a experiência se expressa pela linguagem e estimula a reflexão. Assim, a linguagem não traduz a experiência pura, pois vem organizado pelo sujeito por meio da reflexão e da interpretação, os quais estão atrelados à cultura e ao meio em que o sujeito vive.

Já a vivência resulta da reflexão pessoal sobre a experiência, portanto a vivência de cada um sobre determinada experiência é única, pois é influenciada por fatores como, a personalidade, biografia e participação na história. Deste modo, a vivência, mesmo que individual, está relacionada com o coletivo e as condições em que ela ocorre (MINAYO, 2013).

O senso comum, por sua vez, é o conjunto de conhecimentos adquiridos pela experiência e pela vivência, o qual orienta o sujeito em suas ações. É pelo senso comum que o sujeito forma opiniões, crenças, valores e molda seu comportamento. Neste sentido, dado seu caráter de expressão da experiência e vivência, o senso comum é o alicerce dos estudos qualitativos. Finalmente, o termo ação pode ser compreendido como exercício de sujeito, de um grupo ou uma sociedade em construir sua vida e seus artefatos culturais a partir das condições que eles encontram na realidade (MINAYO, 2012).

Neste contexto, a pesquisa do tipo descritiva e exploratória pode ajudar na compreensão da realidade, uma vez que a primeira descreve as características de determinada população ou fenômeno, estudando, registrando, analisando e interpretando um problema, sem que o pesquisador interfira na realidade (TABOSA; PINTO; LOUREIRO, 2016). Enquanto que a segunda, proporciona uma visão geral sobre determinado fenômeno, familiarizando o pesquisador com o objeto de estudo (GIL, 2017).

5.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas utilizando-se a técnica de bola de neve (*snowball*). Trata-se de um grupo de sujeitos autogerado que conta com a colaboração voluntária de um membro inicial e dos subsequentes sujeitos, que indicarão novos sujeitos, e assim sucessivamente, possibilitando ao pesquisador a imersão em seu círculo social, os quais tendem a ter características demográficas e psicográficas mais parecidas às da pessoa que indicou do que poderia ocorrer ao acaso (COSTA, 2018).

Dentre as particularidades dessa técnica está a formação do grupo de participantes, a qual se dá ao longo do processo e não determinado previamente. Esta técnica de amostragem se assemelha ao trabalho de um bom repórter, que rastreia as pistas de uma pessoa para outra (COSTA, 2018).

Inicialmente o pesquisador deve lançar mão de informações-chaves, nomeadas como “sementes”, a fim de localizar algumas pessoas, dentro de uma população geral, com perfil necessário para a pesquisa. Essas sementes, por sua vez, ajudarão o pesquisador a iniciar seus contatos e formar o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal e, assim sucessivamente. (VINUTO, 2014).

O roteiro das entrevistas teve três eixos, o primeiro eixo com enfoque na percepção sobre o uso de celulares, o segundo eixo com enfoque nas motivações para o uso e na relação com o dispositivo e o terceiro as possibilidades para reduzir seu uso (Apêndice 4).

As entrevistas ocorreram ao longo dos meses de julho e agosto de 2020 e obedeceram às normas de proteção individual e coletiva contra o COVID-19 dispostos no decreto 28.026/2020 (FOZ DO IGUAÇU, 2020). Assim, a entrevista ocorreu na casa dos participantes, em ambiente bem ventilado, com entrevistador e participante sentados a um metro de distância e ambos com uso de máscaras, garantindo-se a segurança necessária. A duração das entrevistas foi em média de 30 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra pelo pesquisador principal. O anonimato dos participantes foi garantido por meio da utilização da letra “A”, correspondente à “Adolescente”, seguida de um número, que corresponde ao número da entrevista.

Diante disso, a coleta dos dados mostrou-se como um processo permanente de coleta de informações, que procura a partir da rede de contato dos entrevistados, fornecer ao pesquisador um conjunto cada vez maior de contatos potenciais (VINUTO, 2014). O processo

é finalizado a partir do critério de saturação, ou seja, quando os entrevistados não trazem mais informações novas ao quadro de análise e chega-se ao aprofundamento da temática, bem como na capacidade de apreender a totalidade do fenômeno, nas suas diversas dimensões (MINAYO, 2017).

5.3 Análise dos dados

Para análise dos dados foi utilizado o referencial de Análise de Conteúdo na modalidade temática (BARDIN, 2011), o qual consiste em três fases: (1) Pré-análise; (2) Exploração dos materiais; e (3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira fase, pré-análise, trata-se do primeiro contato com material empírico coletado, ou seja, o conjunto das entrevistas, por meio da leitura compreensiva do conjunto de entrevistas, captando genericamente a representatividade inicial das falas relativa aos objetivos da investigação. Assim, em um primeiro momento foi realizada a audição das entrevistas e sua transcrição e, na sequência, a leitura e análise do material resultante.

A partir da elaboração dos pressupostos e objetivos, foram elaborados os indicadores para a interpretação do material transcrito, conforme apresentados a seguir:

- a) Finalidade de uso do celular;
- b) Tempo de uso do celular;
- c) Representação do celular para o adolescente;
- d) Situações estressantes para o adolescente;
- e) Uso das mídias sociais;
- f) Convívio familiar;
- g) Regras de uso do celular na escola.

A segunda fase, exploração dos materiais, consiste na construção de operações de codificação. Assim, foram realizados recortes dos relatos que correspondem aos indicadores e, na sequência, os recortes foram agrupados em unidades de registros. Essas unidades de registro são formadas por recortes que abrangem parágrafos e, desses parágrafos são identificadas as palavras-chaves que são agrupadas para formar os núcleos temáticos, os quais possibilitam as inferências.

A terceira fase, tratamento dos resultados, inferência e interpretação, consiste na extração de conteúdos explícitos e implícitos do material coletado, a qual será apresentada no capítulo de resultados e discussões.

Desta forma, na trajetória analítico-interpretativa dos dados, foi necessário ter a visão do conjunto para apreensão das particularidades do material; identificar e problematizar as ideias explícitas e implícitas nos depoimentos; buscar os sentidos presentes nas falas dos sujeitos e assim analisá-las à luz da literatura da científica e do referencial teórico do estudo (GOMES, 2009).

5.4 Local do estudo e grupo de sujeitos

Foz do Iguaçu é o cenário escolhido para este estudo. Está localizado no extremo oeste do Paraná e limita-se ao norte com o município de Itaipulândia, ao sul com ARG, leste com os municípios de Santa Terezinha de Itaipu e São Miguel do Iguaçu e, a oeste, com o PY (MEIRA, 2019). A Figura 2. apresenta um mapa de Foz do Iguaçu, que permite compreender melhor sua localização.

Figura 2- Mapa de Foz do Iguaçu e sua localização na tríplice fronteira, formada por Foz do Iguaçu (BR), Ciudad Del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR), 2017



Fonte: Extraído da tese de Meira, M.C.R, (2019, p. 67)

Foz do Iguaçu abriga 258.532 habitantes segundo IBGE de 2019, com uma população predominantemente urbana, representando 98,81% da população, distribuída em 200 bairros, enquanto que 1,19 % residem na área rural (PRIOTTO, 2013).

A cidade caracteriza-se como o terceiro maior parque hoteleiro do Brasil, reconhecido como destino turístico internacional por abrigar diversos pontos de atrativos, como as Cataratas do Iguaçu, conhecida por suas 275 quedas de água, foi considerada uma das sete maravilhas da natureza, batendo seu recorde de visitantes em 2018 com 1,8 milhões de turistas (G1 PR, 2018); a Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu, a maior hidrelétrica do mundo em produção anual de energia; o Marco das três fronteiras, a foz do rio Iguaçu no rio Paraná, onde se encontram as fronteiras do Brasil, Paraguai e Argentina; o Parque das aves com 900 aves de 150 espécies. Todos esses atrativos, fazem de Foz do Iguaçu uma das cinco cidades do Brasil que mais recebem turismo de eventos nacionais e internacionais (FOZ DO IGUAÇU, 2019).

Além de seus atrativos, a cidade ainda apresenta uma composição étnica muito variada e bastante interessante, abrangendo cerca de 80 das 192 nacionalidades existentes no mundo (FOZ DO IGUAÇU, 2019). Para os moradores da região, não é surpresa se depararem nas ruas com japoneses, chineses, coreanos, franceses, árabes, indianos, americanos, dentre tantas outras nacionalidades, sem contar paraguaios e argentinos, vizinhos de fronteira. Os diferentes grupos étnicos residentes na cidade fazem de Foz do Iguaçu uma das cidades mais cosmopolitas do Brasil, os quais, de certo modo, influenciam os hábitos, costumes e modo de consumo dos habitantes deste município.

Vale ainda destacar que Foz do Iguaçu mantém relações comerciais transfronteiriças por meio de duas zonas francas, sendo elas: Puerto Iguazú, na Argentina – ARG, e Ciudad del Este, localizada no Paraguai – PY. As três cidades são separadas apenas pelo Rio Paraná e Iguaçu. Assim, os turistas e moradores da região podem transitar de um país para o outro em poucos minutos, visitando atrações em Foz do Iguaçu, realizando compras nos inúmeros comércios em Ciudad del Este, os quais oferecem variedades de artigos importados com preço aquém do mercado brasileiro, e, finalizar o dia em um dos cassinos e bares em Puerto Iguazú, além de poder contemplar as Cataratas do Iguaçu do lado argentino sob um ângulo diferente (POLON, 2017).

Ainda digno de nota, ressalta-se que Ciudad del Este já chegou ser o segundo maior centro comercial em volume de negócios do mundo. A cidade dispõe de diversos shoppings que reúnem uma infinidade de lojas de diferentes ramos. Os estabelecimentos mais numerosos são os que vendem artigos de informática e eletrônicos, já que esses consistem no carro forte de vendas no PY. Assim, os moradores da região possuem grande facilidade de acesso aos eletrônicos no PY, principalmente aos celulares, item mais vendido dentre os eletrônicos, com preços bem abaixo do mercado brasileiro (POLON, 2017).

Neste cenário, tanto a facilidade de acesso aos celulares, quanto à multiculturalidade, faz dos adolescentes de Foz do Iguaçu, sujeitos que podem trazer elementos importantes para compreender a relação dos adolescentes com os celulares. Pois, se por um lado eles incorporam em sua identidade um pouco da cultura de outras etnias, por outro, tal característica os tornam únicos.

Nesta perspectiva, este trabalho abrange os adolescentes escolares do município de Foz do Iguaçu, que cursam o Ensino Médio – EM e compreendem a faixa etária de 14 a 18 anos. Tal escolha se baseia em pesquisas realizadas pela Agência Brasil em 2015 e pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação que

apontam que os adolescentes dentro dessa faixa etária correspondem a população que mais acessa a internet pelo celular (CETIC.BR, 2020; MACIEL, 2019; MELLO, 2016).

5.5 Critérios de inclusão

Participaram da pesquisa os sujeitos que apresentaram os seguintes critérios:

- a) Estar matriculado em escola pública ou privada;
- b) Possuir aparelho de smartphone;
- c) Ter idade entre 14 e 18 anos

5.6 Aspectos éticos

Todas as etapas desse estudo seguiram as recomendações e diretrizes da Resolução do Conselho Nacional de Saúde n. 466/2012 sobre os aspectos éticos que regulamentam a pesquisa com seres humanos (BRASIL, 2012). O projeto teve parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa da UNIOESTE – Cascavel (**CAAE**: 18222819.2.0000.0107) conforme apresentado no Anexo 1.

Os participantes do estudo receberam o convite e as informações acerca da pesquisa através de meios eletrônicos e telefone. Aos interessados foram disponibilizados o Termo de Assentimento Livre Esclarecido – TALE (Apêndice 1 para maiores de 18 anos e Apêndice 2) e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Apêndice 3), conforme legislação. Após as devidas autorizações assinadas as entrevistas foram agendadas.

Vale destacar que todos os custos da pesquisa foram financiados pela pesquisadora, sem nenhum prejuízo ou benefício financeiro para os participantes.

6. RESULTADOS

Dados sócio demográficos dos participantes

No total, 17 adolescentes de três escolas públicas diferentes foram entrevistados. A média de idade dos adolescentes foi de 16,9 anos ($dp=1,3$). Todos os participantes são naturais e moradores da cidade de Foz do Iguaçu e estudam em escolas públicas no mesmo município. Dentre esses, apenas um adolescente está no 9º ano do fundamental por repetência, três estão no quarto ano do ensino médio/técnico e os demais no ensino médio regular.

A constituição familiar é formada por mãe, pai/padrasto, irmãos e agregados que moram todos na mesma casa, sendo que somente dois adolescentes são filhos únicos. De modo geral todos descreveram bom relacionamento familiar.

Quanto ao grau de escolaridade dos pais, a maioria possui somente o ensino fundamental e poucos concluíram o ensino médio e superior. A renda familiar não ultrapassa os R\$ 3.000 reais em quase todos os casos, e a maioria dos adolescentes não trabalham ou realizam qualquer tipo de estágio.

Apesar do baixo grau de escolaridade dos pais, cerca de metade dos adolescentes entrevistados já fizeram algum curso profissionalizante ou de idiomas e a maioria expressa desejo de continuar os estudos após concluir o ensino médio.

A descrição resumida dos adolescentes participantes do estudo é apresentada no Quadro 2.

Quadro 2 – Caracterização dos adolescentes da pesquisa, de acordo com o sexo, idade, cor, escolaridade, renda familiar, constituição familiar cursos extracurriculares e perspectiva para o futuro.

Ad*	Sexo	Idade	Raça/cor	Escolaridade	Renda familiar	Constituição familiar	Cursos	Perspectiva para o futuro
1	F	17	Branca	2º ano	R\$ 3000	Mãe, padrasto + 3 irmãs	Profissional	Faculdade
2	F	15	Parda	2º ano	R\$ 3000	Mãe, padrasto + 3 irmãs	Idioma	Faculdade

(Continua)

(Conclusão)

Ad*	Sexo	Idade	Raça/cor	Escolaridade	Renda familiar	Constituição familiar	Cursos	Perspectiva para o futuro
3	M	18	Negro	2º ano	R\$ 3000	Mãe, avó + 1 irmão	Não	Indeciso
4	F	16	Branca	2º ano	R\$ 2.500	Mãe, pai + 1 irmão	Profissional	Faculdade
5	F	16	Negra	9º ano	R\$ 2000	Avó e avô padrasto	Não	Indecisa
6	M	18	Branco	3º ano	R\$ 3000	Mãe, pai + irmã	Não	Carreira militar
7	M	18	Branco	2º ano	R\$ 3500	Mãe e pai	Idioma	Faculdade
8	M	18	Branco	3º ano	R\$ 12000	Mãe, pai + 1 irmã	Técnico	Faculdade
9	M	15	Branco	2º ano	R\$ 3000	Mãe + 1 irmão	Profissional	Faculdade
10	M	14	Negro	1º ano	R\$3000	Mãe, pai + 3 irmãos	Não	Indeciso
11	M	16	Pardo	1º ano	R\$ 2500	Mãe + 4 irmãos	Não	Emprego
12	M	17	Pardo	3º ano	R\$ 2500	Mãe, pai + 1 irmã	Profissional idioma	Emprego
13	M	18	Pardo	3º ano	R\$ 2500	Mãe e tia	Técnico	Emprego
14	F	18	Parda	3º ano	R\$ 4000	Mãe, pai + 2 irmãos	Não	Faculdade
15	F	18	Parda	3º ano	R\$ 8000	Mãe, padrasto + 1 irmão	Técnico	Faculdade
16	M	18	Negro	3º ano	R\$ 2500	Mãe + 4 irmãos	Não	Faculdade
17	M	17	Pardo	3º ano	R\$ 1300	Mãe, pai e 1 irmão	Não	Faculdade/ concurso

Fonte: produção do próprio autor (2021).

(Ad* Adolescente)

Núcleos Temáticos

A seguir são apresentados os Núcleos Temáticos (NT) evidenciados a partir da análise e interpretação dos dados

O primeiro NT é denominado como “*O celular é o jeito de o adolescente ter seu próprio mundo particular*” e descreve o que o celular representa para os adolescentes e como eles usam o aparelho para se conectar com o mundo. O segundo NT intitulado como “*o celular pode representar uma válvula de escape para o adolescente*” apresenta as motivações de uso do celular pelos adolescentes e fatores relacionados ao uso excessivo. O terceiro e último NT denominado como “*Não tem outra coisa pra fazer a não ser conversar com o adolescente*” revela estratégias sugeridas pelos próprios adolescentes para prevenção e diminuição do uso excessivo de celular.

NT1: “*O celular é o jeito de o adolescente ter seu próprio mundo particular*”

A narrativa apresentada pelos adolescentes revela a percepção e relação do uso do celular enquanto um fator central para busca de liberdade, autonomia e conexão com o mundo. Com o celular sempre ao seu alcance, eles passam conectados 24 horas do dia, navegando pela internet em busca de entretenimento, informações, assuntos de seu interesse e redes sociais, sem a necessidade de ajuda ou aprovação de um adulto.

Pelas redes sociais, os adolescentes conseguem estabelecer e manter novos relacionamentos com pessoas que vão além de seu vínculo social. Isso permite que eles consigam conhecer pessoas de lugares e culturas diferentes, com perspectivas e opiniões diferentes o que é fundamental para ajudar a moldar sua identidade.

Em seus celulares, os adolescentes criam seus próprios mundos, onde podem incluir suas músicas, filmes e jogos preferidos, amigos em sua rede social que os entendem e os apoiam. Enfim, um lugar onde se sintam aceitos, amados e seguros para expressar o que pensam seja em seus perfis ou no anonimato.

"Acho que representa liberdade né?! Porque não se tem muito controle do celular nas mãos dos adolescentes. Então eles podem usar como quiserem e como bem entenderem " (A6)

"Acho que o celular é uma forma prática de conhecer novas coisas, novas pessoas, adquirir conhecimento" (A4)

"Você olha para o celular e vê que tem um monte de pessoas pra conversar, pessoas do mundo todo, e você vai estabelecendo amizades com pessoas de outros bairros, cidades e vai criando novos amigos."(A3)

"O celular é uma ferramenta social básica principalmente para a nossa geração. Todos nós estamos conectados. É a maneira como a gente vive no mundo" (A13)

"Uso o celular pra bastante coisa. Consumo bastante conteúdo de diversos tipos, assisto desde jogos até culinária, ciências, conhecimentos gerais" (A13)

"Acho que o celular representa toda conexão social para o adolescente. Tudo o que ele conhece, tudo o que ele participa, tudo o que ele é, está no celular dele, entendeu? Todo grupo de amigos dele está ali no celular, tudo o que ele gosta, os jogos, as séries..."(A15)

"O celular representa para o adolescente uma fonte segura, onde ali ele pode se sentir protegido, amado, ter amigos" (A16)

É possível ainda reconhecer os adolescentes como uma geração de nativos digitais, com habilidades de realizar múltiplas tarefas enquanto estão conectados. Todavia, isso acaba se configurando um problema no sentido de que os adolescentes utilizam o celular por várias horas do dia e em momentos que deveriam estar estudando, fazendo tarefas ou mesmo descansando, resultando em desgaste físico e mental para o sujeito.

Adicionalmente, a maioria dos adolescentes também reconhecem que utilizam o celular de forma excessiva e em alguns casos revelam até um certo grau de dependência, como demonstram as falas a seguir.

"Eu fico com o celular o dia inteiro. Tipo, eu não tenho essa de parar de mexer. Eu fico fazendo minhas coisas e mexendo no celular, vou escutando música e fazendo serviço. Vou dormir umas 3 horas da manhã e as vezes ainda respondo mensagens durante a noite" (A5)

“Eu passo várias horas no celular e sei que isso me causa alguns problemas, é como se eu não conseguisse largar ele” (A13)

"Normalmente tenho bastante cansaço e dor nos olhos, na madrugada as vezes tenho até que baixar a luz porque me dói os olhos." (A1)

“Geralmente eu sinto exaustão não só do corpo, mas também a mente fica bem pesada, turbulenta, daí eu tenho que parar e deixar o celular de lado um pouco” (A17)

"Então, não é de agora que eu tenho um padrão de sono diferenciado, eu sou uma pessoa muito noturna que prefiro ficar acordado a noite e dormir de dia [...].Tipo, ontem mesmo eu acordei lá por 19h da noite, assisti uns vídeos fui jogar e tirei um cochilo e estou acordado até agora 10h da manhã, mas provavelmente daqui a pouco eu vou dormir" (A13)

"Minha mãe reclama, não em relação ao tempo que uso o celular, mas pelo período do dia que eu uso. Tipo, quando eu fico até tarde da noite, ou por estar usando na mesa durante o almoço ou jantar e eu não estar prestando atenção no que está acontecendo porque estou no celular. Isso sim ela reclama " (A15)

NT2: “o celular pode representar uma válvula de escape para o adolescente”

As mudanças biopsicossociais que, por si só, já causam ansiedade e sofrimento psíquico aos adolescentes, somadas às tensões do cotidiano e a sensação de não serem compreendidos, podem ser motivações importantes para o uso excessivo do celular, uma vez que, pelo celular eles encontram entretenimento, conteúdos ilimitados e pessoas com quem podem conversar e compartilhar experiências. Neste sentido, o celular pode servir como uma válvula de escape para aliviar a pressão do dia a dia.

“Se eu estou passando por uma situação estressante e fico ansioso, eu vou para o celular para fugir um pouco disso” (A8)

"Acho que é mais como um mecanismo de fuga da realidade, como comparado as drogas. Tipo, quando existe um problema de difícil resolução, muitos adolescentes usam o celular como forma de distração pra não ter que enfrentar esses problemas. " (A7)

"Eu acho que quando ele não tem com quem conversar, quando não tem muitos amigos na vida real. Acho que isso faz com que o adolescente utilize bem mais o celular. Seria mais a solidão mesmo" (A16)

"No celular você pode conhecer pessoas, desabafar. As vezes você nem conhece a pessoa mas já está contando tudo sobre a sua vida"(A14).

A necessidade de aceitação e pertencimento na adolescência também emerge como uma motivação para o uso excessivo do celular. Nas redes sociais eles são livres para postar memes, fotos, vídeos e textos que retratam um pouco da sua essência, ou seja, o que eles pensam, do que eles gostam, o que fazem no dia a dia. Quanto mais as pessoas interagem com suas publicações, mais os adolescentes se sentem aceitos e pertencentes àquele grupo que os seguem. Do mesmo modo, os adolescentes também gostam de estarem “presentes” na vida dessas pessoas, acompanhando o que fazem e compartilhando desses momentos como uma troca de experiências.

" Eu acho que o adolescente usa muito o celular principalmente para tentar fazer parte de alguma coisa, sabe? Eles precisam saber qual o último meme do momento, último jogo lançado. Então isso exige muito tempo no celular, o que acaba se tornando um vício. Entendeu? (A15)

"O adolescente quer ser conhecido, sabe? Ter um público que admira ele por causa das postagens dele" (A9)

"Se você compartilha uma foto ou meme e recebe muitas curtidas, isso faz com que você queira compartilhar mais, porque você vê que as pessoas gostaram" (A3)

"Acho que se não houvesse as redes sociais você não passaria tantas horas no celular. Tipo o facebook, você pode passar horas e horas no facebook que nunca vai acabar o conteúdo pra você continuar consumindo, sabe?" (A8)

"As redes sociais é um jeito de você ficar sabendo de tudo o que está acontecendo no mundo" (A12)

Todavia, embora o celular tenha quebrado barreiras na comunicação e aproximado pessoas de diversos pontos do mundo, no âmbito familiar o efeito tem sido inverso, não somente afastando os filhos adolescentes dos pais, mas também os pais dos filhos, visto que quando estão todos em casa, na verdade estão todos no seu próprio mundo particular com seus celulares. Neste sentido, a falta de diálogo e afeto na família pode motivar o uso excessivo de celular pelos adolescentes como uma forma de suprir essa carência.

“Em casa a gente fica todo mundo no celular mesmo. Ninguém fala com ninguém”
(A2)

“Acho que se lá em casa a gente conversasse mais, tivesse mais diálogo, a gente não mexeria tanto no celular” (A3)

“Se os pais não conversam muito com seus filhos, eles acabam ficando mais tempo trancado no quarto com o celular” (A4)

“As vezes a família não dá atenção para o adolescente, são indiferentes e até maltratam.” (A17)

“Quando você não tem uma relação tão agradável com seus pais é muito melhor você ficar no celular se conectando com outras pessoas do que com seus familiares” (A8)

“A família, geralmente, fica só criticando o uso do celular, porém eles não propõem outras atividades para o adolescente fazer. Tipo, eles não falam: sai desse celular e vamos jogar um baralho, ou vamos caminhar. Eles só sabem falar: sai do celular! Entedeu?” (A15)

NT3 - "Não tem outra coisa pra fazer a não ser conversar com o adolescente"

Diferentemente do celular, que oferece comunicação, diversão e praticidade, o lar não é um lugar criativo para o adolescente, de modo geral, não se tem muito para fazer dentro de casa. Não existe a opção de escolher quem participará de seu grupo familiar ou a opção de excluir quem não é agradável. Nem sempre sua opinião e seus sentimentos receberão a atenção que gostariam, como ocorre nas redes sociais. Apesar disso, os adolescentes entendem que nem o celular ou qualquer outra tecnologia pode substituir o contato pessoal, o diálogo e o afeto, principalmente em relação aos pais.

Nesta perspectiva, torna-se fundamental que os pais se esforcem para fortalecer o relacionamento com seus filhos adolescentes, demonstrando mais interesse por esses, propondo atividades familiares e mantendo sempre um diálogo aberto e sem julgamentos. Assim, não basta os pais imporem regras de uso do celular aos seus filhos, é preciso despertar seu interesse para outras coisas que não seja o celular.

“A família deve sugerir atividades agradáveis para fazer com os adolescentes, conversar e não apenas proibir por proibir”(A13)

“Buscar saber como foi o dia do adolescente, contar como foi o dia dele” (A14)

“Reunir mais a família, conversar, buscar atividades pra fazerem mais juntos” (A4)

“Eu acho que os pais poderiam estabelecer algumas regras de uso do celular, mesmo depois que o filho cresce, continuar pegando no pé, sabe?. Não só pedindo pra largar o celular sem motivo, senão é só uma ordem sem sentido, mas tentar desenvolver mais essa relação de pais e filhos. Assim os adolescentes poderiam passar mais tempo conversando com eles, contanto sobre suas coisas e não precisariam tanto procurar o celular e redes sociais pra isso” (A8)

“Então, eu acho que se a família quisesse realmente que o adolescente saísse do celular eles deveriam propor outras alternativas pra fazer em família, como caminhadas, jogos, esportes, assistir séries em família... Tem que ter um esforço por parte dos pais pra que o adolescente diminua o uso do celular também” (A15)

“Os pais também precisam dar exemplos aos filhos, deixarem o celular um pouco de lado” (A17)

“Então, a família deveria criar atividades que pudesse fazer juntos, pra criar um elo com o adolescente, assim o próprio adolescente iria pensar: Ah! não tem porque eu ficar no celular agora, tá legal ficar aqui. Entendeu?” (A15)

No âmbito escolar, os adolescentes destacam que o celular pode ser uma excelente ferramenta de apoio ao estudo e aprendizagem, pelo qual eles podem buscar as informações que precisam. Deste modo, o professor não é mais o único detentor do saber dentro da sala de aula, mas sim, o mentor que irá ajudar os alunos a unir as informações relevantes para formar o conhecimento. Neste sentido, os adolescentes sugerem que a escola se adéque as mudanças

que vão surgindo com as novas gerações, de forma a incluir essas tecnologias como parte do aprendizado.

“Usamos bastante o celular para pesquisar coisas e poder contribuir com a aula” (A13)

“Uso para atividade de estudo, vídeo aulas, tirar dúvidas. Durante as aulas também gosto de ouvir música” (A14)

“Na minha escola é proibida a utilização do celular, só alguns professores apoiam o uso como fonte de pesquisa” (A16)

“Na escola até tem regras para o uso do celular, mas ninguém segue. É proibido o uso do celular em sala de aula mas ninguém liga” (A7)

“Acho que primeiro a escola deveria aceitar que o celular é uma realidade na vida do adolescente. Porque geralmente a escola vê o celular como algo ruim, sendo que não é, dá pra fazer coisas boas com o celular também. (A15)

“Proibir o uso do celular na escola eu acho que não funciona, e também como aluno, eu vejo isso como algo autoritário” (A12)

“A escola precisa propor uma metodologia de estudo diferente, que envolva o uso do celular” (A17)

Nesta perspectiva, os adolescentes sugerem que o celular não deve ser tratado apenas como um problema que precisa ser eliminado das salas de aula, mas que os professores conversem mais com os adolescentes sobre o uso do celular, orientando-os para o uso consciente e, principalmente, aproveitando as tecnologias disponíveis como uma ferramenta aliada do aprendizado.

7. DISCUSSÃO

A geração Z nunca conheceu um mundo em que eles não pudessem se conectar instantaneamente pelas pontas dos dedos. Pelo celular eles navegam por várias telas e estão

acostumados como “tudo ao mesmo tempo e agora”, ou seja, podem acessar redes sociais, jogos, entretenimento em geral e, ao mesmo tempo, buscar conteúdos de seu interesse, que vão desde informações relativas a estudo até curiosidades, em qualquer hora ou lugar com acesso à internet.

De forma independente esses jovens aprenderam a não esperar pelas respostas dos adultos para o que lhes é desconhecido, mesmo porque, muitas habilidades em tecnologias também é novidade para muitos pais, então os jovens dessa geração acostumaram-se aos tutoriais de *You Tube* e se tornaram autodidatas em muitos sentidos (EXAME, 2017).

Apesar dos adolescentes usarem o celular predominantemente para entretenimento, uma pesquisa realizada pela *Tic Kids Online Brasil* (CETIC.BR, 2020), revelou que 51% dos adolescentes brasileiros se conectam a internet para consumir notícias de diversas categorias e se manterem atualizados. Em Toh et al. (2019) os adolescentes também relataram o uso do celular para uma ampla variedade de funções e atividades, que vão desde tarefas pessoais e escolares, até funções da vida diária.

Em outro estudo, os adolescentes relataram um uso expressivo do celular para buscar informações na internet (88,37%), sendo que os temas mais pesquisados foram música (74,27%) e notícias (36,24%) (CORRER; FAIDIGA, 2017). Ainda nesse estudo, os adolescentes atribuíram como pontos positivos do celular, a facilidade, agilidade e praticidade para realizar contato com outras pessoas, bem como estabelecer e manter relacionamentos.

Wang et al. (2017) explica que esse sentimento de proximidade e conexão com os outros é uma das necessidades humanas psicológicas fundamentais para o desenvolvimento saudável do sujeito, e é um elemento essencial para o bem estar individual. Deste modo, ter um celular em mãos é ter a sensação de estar sempre acompanhado.

Neste sentido, nota-se que os relacionamentos, principalmente entre os mais jovens, tornaram-se mais virtuais e menos pessoais, como apresentado no estudo de Correr e Faidiga (2017), no qual a maioria dos adolescentes entendeu que o termo “conviver” significa entrar em contato via celular e não estar em contato direto com a outra pessoa. Neste sentido, o celular pode afetar os relacionamentos, pois se por um lado, permite ao sujeito compartilhar experiências com seus amigos e manter contato com pessoas queridas afastadas pela distância, por outro lado, acomoda o sujeito em um relacionamento virtual, do qual ele pode se desconectar quando quiser, formando relacionamentos superficiais e afastando pessoas próximas.

Cada vez mais os adolescentes estão preferindo interagir com seus celulares do que com as pessoas no mundo real. Tanto é verdade, que 36% da geração Z no Brasil prioriza o tempo com o celular em detrimento do tempo com a família e amigos (ROSA, 2018). Conseqüentemente, usam seus aparelhos por mais tempo e com maior frequência. No entanto, o maior problema não está no tempo que permanecem conectados, mas em quais momentos estão utilizando o celular, o que geralmente ocorre em horários que estão fazendo tarefas escolares, comendo ou quando deveriam estar dormindo.

Em Toh et al. (2019), os adolescentes relataram uso do celular durante as refeições, enquanto fazem suas tarefas e até durante o banho checam notificações. Não somente fazendo mais de uma tarefa ao mesmo tempo, como também explicaram que gostam de alternar entre uma tarefa e outra e usar mais de um dispositivo eletrônico simultaneamente. Ainda nesse estudo, os adolescentes relataram que, freqüentemente, utilizam o celular a noite antes de dormirem em seus quartos, pois é nesse horário que geralmente eles ficam livres e podem ter mais privacidade sem serem interrompidos.

Tamura et al. (2017) explica que o uso do celular na cama à noite afeta negativamente o resultado do sono. Isso pode ocorrer devido à exposição à luz refletida pelo aparelho, perturbando os ritmos circadianos e a qualidade do sono. Além disso, o uso prolongado do celular pode representar o risco de dependência, contribuindo assim para a má qualidade do sono e problemas psicológicos como a ansiedade e a depressão. Em seu estudo, os adolescentes que relataram maior uso de celular, cinco horas ou mais, apresentaram maior prevalência de insônia e depressão do que os adolescentes com menos tempo diário de uso.

Resultados semelhantes foram encontrados em Xie, Dong e Wang (2018), os quais indicaram que o uso excessivo de celular, principalmente o uso noturno, previram níveis mais altos de fadiga durante o dia, síndromes oculares, disfunções corporais, imunológicas e piora da qualidade do sono.

Para além desses problemas, o uso excessivo do celular tem sido associado positivamente ao sedentarismo (LOURENÇO; SOUSA; MENDES, 2019), enquanto que o tempo de uso de celular para digitar mensagens, usar a internet e realizar chamadas, a maneira de digitar e a postura sem apoio foram associados à maior prevalência de lesão musculoesquelética, principalmente em região de coluna cervical e membros superiores (CEDIN et al., 2019).

Vale destacar que os adolescentes deste estudo, de modo geral, reconhecem que usam excessivamente o celular e expressam vontade de reduzir esse tempo, porém confessam que não é uma tarefa fácil, visto que o aparelho facilita muito as atividades do cotidiano, a busca de informações, bem como a comunicação, ficando difícil não recorrer com frequência a esse dispositivo.

Resultados similares são encontrados em Toh et al. (2019), no qual muitos adolescentes também expressaram que perdem a noção do tempo quando estão com o celular e que já tentaram implementar alguma medida de autocontrole e exercer a autodisciplina, mas acabaram tendo dificuldade para aderir tais medidas. Os adolescentes também reconheceram que as notificações por vezes os distraem, porém, ainda assim, eles se mostram propensos a verificá-las, pois querem se manter atualizados com os colegas e dos acontecidos ao seu redor.

Neste sentido, vale ressaltar que a internet e as redes sociais podem desempenhar um papel importante no uso excessivo de celular, visto que pela internet eles navegam sem censura em qualquer página e pesquisam o que quiserem, enquanto que, nas redes sociais eles conhecem pessoas, estabelecem amizades, compartilham experiências e, de certo modo, isso os ajuda a diminuir o sentimento de solidão e de tédio, bem como as tensões do dia a dia.

Para Oliveira (2017), o longo tempo de conexão traz uma ilusão de estarmos sempre acompanhados por olhos e ouvidos, de termos uma infinidade de amigos. Neste sentido, a tecnologia se encarrega de causar essa impressão de escuta permanente e de proteção contra a solidão e o desamparo por meio de três falsas certezas: a de que podemos colocar nossa atenção apenas no que quisermos; a de que seremos sempre ouvidos; e a de que nunca ficaremos sós.

No estudo de Oliveira (2017), a maioria dos adolescentes concordou com a afirmação de que a excessiva fantasia estimulada pelo mundo virtual pode provocar o afastamento do mundo real, a sensação de onipotência, a criação de relacionamentos frágeis e superficiais, bem como a falsa impressão de popularidade.

No presente estudo ainda podemos destacar a necessidade de aceitação e pertencimento como uma motivação para o uso do celular. Vale ressaltar que esses elementos adquirem uma importância maior na adolescência do que em qualquer outra fase da vida, pois, nessa fase o sujeito não é visto mais como criança, porém tão pouco como adulto, ficando este marginalizado tanto do mundo adulto quanto do mundo infantil.

Para Becker (2017), o grupo ajuda o sujeito a encontrar sua própria identidade num contexto social. No grupo existe há uma certa uniformidade de comportamento, de pensamentos e hábitos, uma vez que todos estão vivenciando as mesmas experiências. Deste modo, eles buscam conforto com seus pares, padronizam ideias e atitudes, um servindo de modelo para o outro. O grupo passa a ter um efeito protetor para seus membros.

Wang et al. (2017) explica que, a aceitação e o relacionamento entre pares apresentam um efeito protetor à autoestima dos adolescentes, enquanto que a necessidade de pertencer faz com que o sujeito tende a trabalhar mais para obter relacionamentos satisfatórios. Assim, dado o objetivo básico do celular que é permitir a comunicação entre as pessoas, logicamente, os adolescentes com maior necessidade de pertencer usarão mais o celular e ficarão mais suscetíveis a se tornarem compulsivos.

No estudo de Wang et al. (2017), a relação entre pares pôde prever positivamente a autoestima e essa, por sua vez, previu negativamente a dependência em celular pelos adolescentes. Por outro lado, adolescentes com menor autoestima foram associados à maior necessidade de pertencer e maior risco de dependência de celular.

Outro ponto importante, destacado nas falas dos adolescentes como uma motivação para o uso excessivo do celular, está na falta de diálogo familiar e no distanciamento entre pais e filhos, visto que, quando estão em casa, cada qual fica conectado em seu aparelho e as poucas interações que ocorrem, geralmente, é por meio das redes sociais. Neumann e Missel (2019) explicam que, o diálogo estabelecido entre pais e filhos é essencial para o fortalecimento dos laços em família, o qual se amplia para outras relações sociais. Se ao contrário, esse diálogo não acontece, seja por motivo de abandono, falta de atenção, brigas, entre outros, a comunicação vai sendo interrompida e se formando um distanciamento que, muitas vezes, pode se transformar em um abismo nos relacionamentos familiares.

No estudo de Neumann e Missel (2019), tanto os adolescentes quanto seus pais apontaram o afastamento na relação parental como uma consequência negativa do uso do celular. Em algumas falas, os pais assumem parte da responsabilidade de estarem se distanciando de seus filhos, deixando de conviver em família porque passam muito tempo no celular. Os adolescentes também relataram que, por vezes, estão passando por problemas, mas os pais não os percebem. Talvez por estarem acompanhando seus filhos pelas redes sociais, na qual eles postam fotos onde estão sorrindo, se socializando com amigos, passando a falsa impressão de que estão bem, quando na verdade não estão. Do mesmo modo, os adolescentes

admitem que ficam tanto tempo no celular que acabam se isolando dos problemas familiares, não percebendo que os pais podem estar passando por momentos difíceis.

De fato, na fase da adolescência, a relação entre pais e filhos tende a se modificar para se tornar mais flexível, permitindo que o adolescente se movimente para dentro e para fora do sistema familiar. Essas mudanças são indispensáveis para prosseguir no desenvolvimento, como uma experiência crescente de independência e autonomia. Todavia, proporcionar autonomia aos filhos adolescentes, não significa deixá-los livremente às suas vontades, visto que, além de se configurar como descuido com os filhos, expressa comportamento de abandono por não os orientar a escolhas equilibradas.

Posto isso, o diálogo entre pais e filhos adolescentes apresenta-se como um grande desafio, pois é por meio da comunicação harmoniosa que a família vai redefinindo as novas representações, priorizando, principalmente, a transmissão de afeto através do respeito e cuidado (BARRETO; RABELO, 2015).

Vale ressaltar ainda que, durante a adolescência, o sujeito está passando por uma fase marcada por um sentimento de solidão, por melhor que estejam as relações com os pais e amigos. O adolescente percebe a sensação de que ninguém é capaz de entendê-lo profundamente e, esse estranhamento, portanto, não facilita o diálogo, principalmente com os pais. Por outro lado, se fechar para o diálogo é sustentar tal estranhamento que, conseqüentemente, aumentará o distanciamento entre filhos adolescentes de seus pais (CARRER, 2016).

Neste sentido, é fundamental que o diálogo com os adolescentes seja aberto, com respeito e empatia. É essencial prestar atenção no que os adolescentes estão dizendo, pois, quando eles buscam os pais para contar algo, esperam que se interessem de verdade pelo assunto, que os apoiem e não os julguem.

Outro ponto destacado pelos adolescentes é que, por vezes, seus pais reclamam que eles estão muito tempo no celular, no entanto, os próprios pais não deixam o celular de lado para conversar com seus filhos ou propor uma atividade para fazerem juntos, o que sugere que os pais não tem sido bons exemplos para os filhos no quesito de uso excessivo de tecnologias.

Nesta perspectiva, a Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) recomenda que os pais devam manter o diálogo e abordar sobre valores familiares e regras de proteção social para o uso saudável, construtivo e crítico das tecnologias. Aproveitar oportunidades para conviver com a família e compartilhar momentos de prazer sem o uso da tecnologia. Planejar

atividades longe do *wi-fi* ou de celulares e computadores, realizar as refeições sem qualquer uso de tecnologias à mesa, entre outros cuidados.

No âmbito escolar, os adolescentes apontam que a escola também é importante para orientar o uso consciente do celular (PALMERO; RODRÍGUEZ; TORRES, 2015). No entanto, muitas vezes, a escola utiliza regras rigorosas de proibição de uso do celular, visto que os professores não conseguem competir com os atrativos do mundo virtual, os quais são motivos de distração entre os alunos.

Por outro lado, os adolescentes também relatam que, mesmo com as regras da escola, eles costumam usar freqüentemente o celular durante as aulas, seja para buscar informações e esclarecer dúvidas referentes ao conteúdo da aula, ou para entrar em redes sociais, demonstrando que a estratégia de proibição do uso do celular é frágil e ultrapassada. Além disso, eles reconhecem que o celular facilitou muito seu modo de estudar e fazer tarefas escolares. Neste sentido, os adolescentes sugerem que a escola utilize uma metodologia na qual a tecnologia *móvil* seja inserida em sala de aula de modo a contribuir para o aprendizado.

Para tanto, Orrico e Monteiro (2018) orientam que, para que o celular seja utilizado como um recurso pedagógico é imprescindível que a figura do professor seja vista como um mediador na construção do conhecimento. Nessa perspectiva é importante que o docente apresente ao aluno situações em que a utilização do aparelho sirva como um apoio, como acontece com o livro didático, por exemplo. Assim sendo, o celular não deve ser utilizado de modo desregrado em sala de aula. É preciso monitorar o tempo de uso, deixar claro para os alunos quais os dispositivos serão utilizados e em qual momento, estimar quantas aulas serão necessárias para o desenvolvimento das atividades, dentre outras situações próprias de um ambiente escolar.

Orrico e Monteiro (2018) ainda complementam que é necessário e urgente o envolvimento da sociedade na promoção da educação digital, pois não se deve mais considerar desejável que o jovem utilize o celular apenas por divertimento, considerando que há um mundo à sua volta que necessita ser “descoberto” por meio da educação com o uso da tecnologia *móvil*, o que será determinante na vida desse aluno que hoje ocupa os bancos escolares.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender a percepção dos adolescentes escolares sobre o uso do celular, uma vez que essa ferramenta deixou de ser um simples meio de comunicação para incorporar novas funções e representações na vida das pessoas, principalmente para os adolescentes, os quais se configuram como o público que mais utiliza e domina essa tecnologia.

Para os adolescentes deste estudo, o celular representa toda a conexão com o mundo, pois a comunicação não mais é interrompida pela barreira geográfica. Representa ainda a liberdade para criarem um mundo particular, onde eles podem ter autonomia de participar de grupos, realizar pesquisas em qualquer área de interesse e refletir sua própria personalidade em seus celulares.

Nesta perspectiva, o celular também representa uma fonte segura para os adolescentes, um mundo criado por ele para ele, onde poderá fugir de situações estressantes, no qual encontrará diversão quando estiver entediado e pessoas para compartilhar sentimentos e trocar experiências. Assim, o celular lhes dá a sensação de que nunca estão sós, pois do outro lado sempre haverá alguém que irá ouvi-los, compreendê-los e apoiá-los.

Neste contexto, considerando ainda toda a funcionalidade do celular, sua praticidade e facilidade para comunicação, não é de estranhar que essa tecnologia comece a interferir nos hábitos e nas relações humanas. Em particular, os adolescentes, devido à sua própria imaturidade, tendem a adquirir comportamentos aditivos e compulsivos em relação ao celular, utilizando-o de forma excessiva, em horas inapropriadas e preferindo interagir com o aparelho a interagir com pessoas ou realizar outras atividades *off-line*.

Apesar dos adolescentes afirmarem que as redes sociais podem levar a dependência em celular e citarem algumas motivações para o uso excessivo como, a solidão e a necessidade de aceitação, a fragilidade das relações entre pais e filhos foi a motivação mais relevante encontrada nas falas dos adolescentes. Uma relação sem diálogo e sem interação familiar fora do ambiente virtual.

Este cenário nos faz refletir por que os adolescentes sentem mais segurança em falar sobre seus sentimentos nas redes sociais com amigos e até mesmo com estranhos, ao invés de falar com os pais, os quais deveriam ser as pessoas que os filhos mais deveriam confiar?

Sobretudo, a confiança começa com o diálogo aberto, onde ouvir, demonstrar interesse e buscar compreender sem formar pré-julgamentos é mais importante do que o falar.

Além disso, os pais devem propor atividades em família que sejam agradáveis, sem o celular, a fim de que os adolescentes entendam que, momentos reais podem trazer mais prazer do que o mundo virtual. Por outro lado, é importante também que regras de uso do celular sejam estabelecidas para toda a família para que momentos em que estiverem juntos, como durante as refeições, por exemplo, não sejam interrompidos pelo uso do celular de uma das partes.

Quanto ao papel da escola em relação ao uso do celular, os adolescentes entendem que a escola não deve estabelecer regras rígidas de proibição do uso do celular em aula, pois, apesar de ser motivo de bastante distração em sala quando não há limites, é também uma excelente ferramenta de pesquisa e de busca de conhecimento. Assim, é importante que a escola incorpore essa tecnologia em sala de aula, para ajudar a modular o conhecimento, atitudes e hábitos dos adolescentes com o uso do celular.

Este trabalho ainda apresentou uma revisão integrativa da literatura, a qual demonstrou que o uso excessivo do celular em adolescentes está relacionado à autoestima, apoio social, resiliência do ego, relacionamento familiar, relacionamento entre os pares, características da vizinhança e gênero. Como consequências, os estudos apontaram distúrbios do sono, ansiedade, depressão, automutilação e suicídio.

Pode-se notar ainda nesta revisão que há uma limitação de estudos qualitativos abrangendo este tema. Além disso, os estudos se concentram mais no continente asiático e europeu, sendo ainda pouco estudado em países como o Brasil, mesmo se configurando o país da América latina com maior número de celulares conectados.

Outro ponto que merece ser destacado, é que a compulsão dos adolescentes pelo celular é um tema que desperta interesse de estudos basicamente para a área de psicologia, sendo que os enfermeiros e professores podem assumir um papel importante de conscientização e prevenção da dependência de celular em adolescentes.

Diante do exposto, o presente trabalho traz como contribuição para o conhecimento, uma pesquisa qualitativa que dá voz ao sujeito e permite compreender o uso do celular pelos adolescentes por uma outra perspectiva, a percepção dos próprios adolescentes, a qual nos traz vários elementos importantes para entender sua relação com o celular, o que representa para eles e quais as principais motivações envolvidas no uso excessivo.

Considerando que o uso excessivo de celular pode ser fator de risco para diversos agravos à saúde dos adolescentes, é imprescindível que os profissionais da saúde se atualizem em relação a esse problema a fim de elaborar estratégias de prevenção e promoção à saúde de maneira integral.

Quanto às limitações desse estudo, podemos citar que o tempo de uso do celular foi baseado apenas em relato dos adolescentes, ou seja, não foi utilizado nenhum instrumento para mensurar ou monitorar o tempo de uso. Além disso, as coletas de entrevistas foram realizadas durante a pandemia, visto que não havia previsão de retorno a normalidade, o que pode ter influenciado nos relatos de maior tempo de uso.

Vale destacar também que o momento atual em que estamos vivenciando a pandemia do Covid-19 pode ter influenciado negativamente no uso de celular e nos relacionamentos, visto que uma das medidas de controle mais importante é o distanciamento social, a qual modificou os hábitos e rotinas das pessoas, por exemplo, a substituição das aulas presenciais por aulas remotas. Neste cenário, os adolescentes ficam mais em casa, mais entediados e a comunicação é mais virtual, o que pode ser um viés em relação ao tempo de uso do celular.

Estudos futuros podem ser realizados para avaliar o impacto da pandemia na relação dos adolescentes com o celular, visando observar se houve mudança de comportamentos e percepção pós-pandemia.

Além disso, vale ressaltar que este estudo envolveu apenas adolescentes de escolas públicas. Em estudos futuros, o uso de celular por adolescentes de escolas públicas e privadas podem ser comparados, visto que na escola privada, diferentemente da maioria das escolas públicas, os professores incentivam mais o uso de tecnologias móveis para auxiliar nos estudos. Também podemos considerar que, esses adolescentes tendem a ter maior apoio social e pais com maior nível de escolaridade, o que pode ser um fator de proteção para o uso compulsivo de celular, fato que, geralmente, não ocorre em alunos de escolas públicas.

REFERÊNCIAS

- ABEL, J. Luzes de celular e de computador podem causar danos irreversíveis à visão. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/bem-estar,luzes-de-celular-e-de-computador-podem-causar-danos-irreversiveis-a-visao,70001872327>>. Acesso em: 19 abril. 2019.
- ABREU, G. G.; FORTUNATO, G.; BASTOS, S. A. P. Semelhanças e diferenças entre gerações: Complexidade e Complementaridade no Ambiente Organizacional. **Revista Perspectivas Contemporâneas**, v. 11, n. 2, p. 179-202. 2016.
- ADELHARDT, Z.; MARKUS, S.; EBERLE, T. Teenagers' reaction on the long-lasting separation from celulares, anxiety and fear of missing out. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON SOCIAL MEDIA AND SOCIETY, 9., 2018, Copenhagen. **Proceedings...** Copenhagen: SM Society, 2018. p. 212-216.
- ADJUST. Global appTrendsReport 2019: Relatório de tendências globais. **Meio & Mensagem**, [S.I.], 2019. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/patrocinado/adjust/2019/06/12/global-app-trends-report-2019.html>>. Acesso em: 21 fev. 2020.
- AHMED, S. et al. Impact of nomophobia: A nondrug addiction among students of physiotherapy course using an online cross-sectional survey. **Indian Journal of Psychiatry**, v. 61, n.1, p. 77-80, 2019.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MARKETING DE DADOS. Brasil é o 4º país do mundo em nativos digitais. **ABEMD**, [S.I.], 2020. Disponível em <<https://abemd.org.br/noticias/brasil-e-o-40-pais-do-mundo-em-nativos-digitais>>. Acesso em: 25 fev. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2011. 280 p.
- BARRETO, M. J.; RABELO, A. A. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 34-42, 2015.
- BAVERNHOFFER, K. Biological basis of problematic internet use (PIN) and therapeutic implications. **Neuropsychiatrie**, v. 29, n. 4, p. 157-162, 2015.
- BEISON, A. RADEMACHER, D. J. Relationship between family history of alcohol addiction, parents' education level, and cellular problem use scale scores. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 6, n. 1, p. 84-91, 2017.
- BECKER, D. **O que é adolescência?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017. 104 p.
- BIRUEL, E. P.; PINTO, R. R. Bibliotecário: um profissional a serviço da pesquisa. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e ciência da Informação, 24., 2011, Alagoas. **Anais...** Alagoas: CBBB, 2011. p. 1-8.
- BRANDÃO, A. A. Adolescência e a construção da identidade: Análise e discussão da sexualidade e influência da mídia na adolescência. In: ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 4., 2016, Rio Branco. **Anais...** Rio Branco: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA – ALCAR, 2016. p. 1-13.

BRANDÃO NETO, W. et al. Violência sob o olhar de adolescentes: intervenção educativa com círculos de cultura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 68, n. 4, p. 617-625, 2015.

BRASIL. Lei nº 8609, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília, DF, 16 jul. 1990.

_____. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília, DF, 12 dez. 2012.

_____. Ministério da Saúde. Adolescência: fase da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é adolescência?. **Portal Vivendo a adolescência**, [S.I.], 2017. Disponível em: <<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>>. Acesso em: 13 maio 2020.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. 2. ed. Brasília, DF, 2018. 233 p.

BRITO, M. F. S. F. et al. Fatores associados ao estilo de vida de estudantes do ensino médio de escolas públicas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 40, n. 1, p. 1-8, 2019.

CARRER, L. C. Pais e filhos adolescentes: diálogo e compreensão. **O Estadão**, [S.I.], 2016. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/blogs/albert-sabin/pais-e-filhos-adolescentes/>>. Acesso em 18 nov. 2020.

CASAROTTO, C. Dôssie das gerações: o que são as gerações Millennial, GenZ, Alpha e como sua marca pode alcançá-las. **Rockcontent**, [S.I.], 2020. Disponível em: <<https://rockcontent.com/blog/dossie-das-geracoes/>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

CEDIN, L. et al. O tempo e maneira de utilização do celular podem predispor à lesões musculoesqueléticas: estudo caso-controlado. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 23, n. 3, p. 393-400, 2019.

CETIC.BR – Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros – TIC domicílios 2019**. São Paulo: CETIC.BR, 2020. 344 p.

_____. **Tickids online Brasil**: Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil 2018. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. 352 p.

CHA, S. S.; SEO, B. K. Celular use and celular addiction in middle school students in Korea: Prevalence, social networking service, and game use. **Health Psychology Open**, p. 1-18, 2018.

CHERUBIN, K. G. Para lidar com a geração Z, professores recorrem a redes sociais. **Mpccidadania**, [S.I.], 2012. Disponível em: <<http://mpccidadania.ning.com/profiles/blogs/para-lidar-com-geracao-z-professor-recorre-as-redes-sociais>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

CIPOLI, P. O que faz de um celular básico, intermediário ou avançado?. **Canaltech.com.br**, [S.I.], 2016. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/celular/o-faz-de-um-celular-basico-intermediario-ou-avancado-56631/>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

CORRER, R.; FAIDIGA, M. T. B. O uso do celular por adoelscentes: impactos nos relacionamentos. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 24-39, 2017.

COSTA, B. R. L. Bola de neve virtual: O uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Intedisciplinar de Gestão Social**, v. 7, n. 1, p. 15-37, 2018.

CRESTANI, A. I. **Adolescência: tentando compreender o que é difícil entender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. 199 p.

CRIPPA, J. A. Nomofobia: a dependência do telefone celular. Este é o seu caso?. **Veja**, [S.I.], 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/letra-demedico/nomofobia-a-dependencia-do-telefone-celular-este-e-o-seu-caso/>>. Acesso em: 29 abril. 2019.

DEARO, G. Existem dois tipos de millennials e eles são muito diferentes. **EXAME**, [S.I.], 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/marketing/existem-dois-tipos-millennials-muito-diferentes/>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

DOMPLE, V. K.; WADDE, S. K.; GATTANI, P. L. Mobile phone dependence among undergraduate medical students in Nanded city. **Annals of Tropical Medicine and Public Health**, v. 10, n. 1, p. 27-30, 2017.

DUTRA, F. A história do telefone celular como distinção social no Brasil. Da elite empresarial ao consumo da classe popular. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 5, n. 2, p. 102-116, 2016.

ERCOLE, F. F.; MELO, L. S.; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão Integrativa versus Revisão Sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n.1, p. 9-11, 2014.

EXAME. A geração Z e a conexão 24 por dia. Revista Exame virtual, [S.I.], 2017. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/a-geracao-z-e-a-conexao-24-horas-por-dia/>. Acesso em: 10 abril. 2021.

EXTREMERA, N. et al. The role of cognitive emotion regulation strategies on problematic celular use: comparison between problematic and non-problematic adolescent users. **International Journal of Enviromental Research and Public health**, v.16, n. 3142, p. 1-13, 2019.

FERRONATO, V. F. O. A importância da família na formação social do adolescente. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 18, n. 24, p. 3-9, 2015.

FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. Sobre a cidade. **Refis**, Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em: <<http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/?idMenu=1004>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

_____. Decreto nº 28.026 de 9 de abril de 2020. **Define atividades que poderão retomar de forma gradual e monitorada, com assunção recíproca de responsabilidade sanitária no Município de Foz do Iguaçu no enfrentamento da emergência em saúde pública de importância internacional decorrente da Pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19**. Foz do Iguaçu, 9 abr. 2020.

FRANKLIN, T. A. et al. Comportamento de risco à saúde em adolescentes residentes em municípios de pequeno porte. **Revista online de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, v. 10, n. 3, p. 704-710, 2018.

G1PR. Parque Nacional do Iguaçu fecha 2018 com recorde de 1,8 milhão de visitantes. **Oeste e Sudoeste RPC**, Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste->

sudoeste/noticia/2018/12/31/parque-nacional-do-iguacu-fecha-2018-com-recorde-de-18-milhao-de-visitantes.ghtml>. Acesso em : 08 jul 2020.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 129 p.

GOMES ZUIN, V.; SOARES ZUIN, A. O celular na escola e o fim pedagógico. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n.143, p. 419-435, 2018.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 79-108.

GUYATT, G. et al. Introduction - GRADE evidence profiles and summary of findings tables. *Journal of Clinical Epidemiology*, v. 64, n. 4, p. 383-394, 2011.

KALSING, G.; BECKER, F. Redes sociais na juventude: o conflito entre o vício e os benefícios da era digital. **Jornal Semanário**, [S.I.], 2019. Disponível em: <<https://jornalsemanario.com.br/redes-sociais-na-juventude-o-conflito-entre-o-vicio-e-os-beneficios-da-era-digital/>>. Acesso em: 01 out. 2020.

KEE, I. K. The presence of altered craniocervical posture and mobility in celular-addicted teenagers with temporomandibular disorders. **The Journal of Physical Therapy Science**, v. 28, p.339-346, 2016.

KIM, T. H. et al. A Preliminary Study on the Effectiveness of the Peer Relationship Enhancement Program in Adolescents at Risk for Internet and Celular Addiction. **Journal of the Korean Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 29, n. 2, p. 40-46, 2018.

KIM, H. H. S.; CHUM, J. S. Is the relationship between parental abuse and mobile phone dependency (MPD) contingent across neighborhood characteristics? A multilevel analysis of korean children and youth panel survey. **Plos One**, v. 13, n. 5, p. 1-19, 2018.

KIM, M. H. et al. Association between high adolescent celular use and academic impairment, conflicts with family members or friends, and suicide attempts. **PlosOne**, v.14, n. 7, p.1-14, 2019.

KORMENDI, A. Celular use can be addictive? A case report. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 5, n. 3, p. 548-552, 2016.

KRISTENSEN, C. H.; SCHAEFER, L. S.; BUSNELLO, F. B. Estratégias de coping e sintomas de stress na adolescência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 21-30, 2010.

LEE, H.; KIM, J. W.; CHOI, T. Y. Risk factors for celular addiction in Korean adolescents: celular use patterns. **Journal of Korean Medical Science**, v.32, p. 1674-1679, 2017.

LEE, H.; SEO, M. J.; CHOI, T. Y. The effect of home-based daily journal writing in korean adolescents with celular addiction. **Journal of Korean Medical Science**, v. 31, n. 5, p. 764-769, 2016.

LEE, J. E. et al. Relationship between mobile phone addiction and the incidence of poor and short sleep among korean adolescents: a longitudinal study of the korean children & youth panel survey. **Journal of Korean Medical Science**, v.32, n. 7, p. 1166-1172, 2017.

- LEI, H. et al. Social support and Internet addiction among mainland Chinese teenagers and young adults: A meta-analysis. **Computers in Human Behavior**, v. 85, n. 1, p. 200-209, 2018.
- LI, D. et al. Interaction of health literacy and problematic mobile phone use and their impact on non-suicidal self-injury among chinese adolescents. **International Journal of Enviromental Research and Public health**, v. 16, n. 2366, p. 1-12, 2019.
- LI, M.; JIANG, X.; REN, Y. Mediator effects of positive emotions on social support and depression among adolescents suffering from mobile phone addiction. **Psychiatria Danubia**, v. 29, n. 2, p. 207-213, 2017.
- LI, M. LU, L. la influencia de la adicción al teléfono móvil en la calidad de sueño de estudiantes secundarios dejados atrás: el rol mediador de la soledad. **Revista Argentina de Clínica Psicológica**, v. 26, n. 1, p. 71-78, 2017.
- LI, X.; HAO, C. The relationship between parental attachment and mobile phone dependence among Chinese rural adolescents: the role of alexithymia and mindfulness. **Frontiers in Psychology**, v. 10, n. 598, p. 1-9, 2019.
- LIN, C. Y. et al. Celular Application-Based Addiction Among Iranian Adolescents: A Psychometric Study. **International Journal of Mental Health and Addiction**, p.1-16, 2018.
- LISSAK, G. Adverse physiological and psychological effects of screen time on children and adolescents: Literature review and case study. **Environmental Research**, v. 164, n. 1, p.149-157, 2018.
- LOPES, I. E.; NOGUEIRA, J. A. D.; ROCHA, D. G. Eixos de ação do programa saúde na escola e promoção da saúde: revisão integrativa. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 118, p. 773-789, 2018.
- LOURENÇO, C. L. M.; SOUSA, T. F.; MENDES, E.L. Relationship between smartphone use and sedentary behavior: a school-based study with adolescents. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 24, n. 78, 2019.
- MACIEL, R. 86% das crianças e adolescentes brasileiros estão conectados à internet. **CANALTECH**, [S.I.], 2019. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/internet/86-das-criancas-e-adolescentes-brasileiros-estao-conectados-a-internet-150005/>>. Acesso em 29 maio 2020.
- MEIRA, M. C. R. **Distribuição espacial e evolução temporal da incidência da dengue e sua correlação com variáveis entomológicas e climáticas em um município brasileiro de tríplice fronteira**. 2019. 121 f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.
- MELLO, D. Pesquisa: 80% da população brasileira entre 9 e 17 anos usam a internet. **Agência Brasil**, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-10/pesquisa-80-da-populacao-brasileira-entre-9-e-17-anos-usam>> . Acesso em: 22 nov. 2019.
- MINAYO, M. C. S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

_____. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2013. 408 p.

_____. **Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias.** Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

_____.; COSTA, A. P. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, n. 2, p. 139-153, 2018.

MOHER, D.; TETZLAFF, J.; ALTMAN, D. G. Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: a recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 335-342, 2015.

NAGUMO, E.; TELES, L. F. O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 246, p. 356-371, 2016.

NEUMANN, D. M. C.; MISSEL, R. J. Família Digital: A Influência da Tecnologia nas Relações Entre Pais e Filhos Adolescentes. **Pensando Famílias**, Porto Alegre v. 23, n. 2, p. 75-91, 2019.

NIJSSEN, S. R. R.; SCHAAP, G.; VERHEIJEN, G. P. Has your celular replaced your brain? Construction and validation of the extended mind questionnaire (XMQ). **Plos One**, v. 13, n. 8, p. 1-14, 2018.

NIKHITA, C. S.; JADHAV, F. R.; AJINKYA, S. A. Prevalence of Mobile Phone Dependence in Secondary School Adolescents. **Journal of Clinical and Diagnostic Research**, v. 9, n. 11, p.6-9, 2015.

OLIVEIRA, E. S. G. Adolescência, internet e tempo: desafios para a educação. **Educar em Revista**, Curitiba, v.1, n. 64, p. 283-298, 2017.

OLIVEIRA, M. R. Estudos sobre a adolescência e os conflitos sociofamiliares. **Psicologia.pt**, p. 1-17, 2018.

ORRICO, C. A.; MONTEIRO, D. C. O uso do celular em sala de aula com finalidade pedagógica: construção de saberes de uma nova perspectiva. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 14, n. 2, p. 284-294, 2018.

OSHM, F. Y.; MORRONE, B. O legado das ocupações nas escolas. **ÉPOCA**, [S.I.], 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/educacao/noticia/2017/02/o-legado-das-ocupacoes-nas-escolas.html>>. Acesso em: 13 maio 2020.

PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. S. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?. **Portal dos Psicólogos**, v. 1, p. 1-13, 2015.

PALMERO, R. J.; RODRIGUEZ, S. J.; TORRES, T. J. M. Utilización de Internet y dependencia a teléfonos móviles en adolescentes. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 14, n. 2, p. 1357-1369, 2016.

PARK, S. Y. et al. Long-term symptoms of mobile phone use on mobile phone addiction and depression among korean adolescents. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 3584, p. 1-11, 2019.

POLON, L. C. K. O “território turístico” na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 179-189, 2017.

PRASSAD, M. Nomophobia: a cross-sectional study to assess mobile phone usage among dental students. **Journal of Clinical and Diagnostic Research**, v. 11, n. 2, p. 34-39, 2017.

PRIOTTO, E. M. T. P. **Violência envolvendo adolescentes estudantes na tríplice fronteira: Brasil – Paraguai – Argentina**. 2013. 251 f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

RAMAL, A. O que falta às crianças e jovens viciados em tecnologia?. **G1.globo.com**, [S.I.], 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/o-que-falta-criancas-e-jovens-viciados-em-tecnologia.html>>. Acesso em 02 out. 2020.

RANDLER, C. et al. Celular addiction proneness in relation to sleep and morningness–eveningness in German adolescents. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 5, n. 3, p. 465-473, 2016.

RECH, I. M.; VIÊRA, M. M.; ANSCHAU, C. T. Geração Z, os nativos digitais: como as empresas estão se preparando para reter esses profissionais. **Revista Tecnologia**, v. 6, n. 1, p. 152-166, 2017.

RIOS, P. A. A. et al. Fatores associados a acidentes de trânsito entre condutores de veículos: achados de um estudo de base populacional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 3, p. 943-955, 2020.

ROSA, N. 49% da geração Z no Brasil diz que o smartphone é seu melhor amigo. **Canaltech**, [S.I.], 2018. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/comportamento/49-da-geracao-z-no-brasil-diz-que-o-smartphone-e-seu-melhor-amigo-110268/>>. Acesso em 10 abril. 2021.

SILVA, T. O.; SILVA, L. T. G. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista de Psicopedagogia**, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017.

SOUZA, R. Primeira ligação feita com um celular completa 45 anos; relembra a história. **Canaltech.com.br**, [S.I.], 2018. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/inovacao/primeira-ligacao-feita-com-um-celular-completa-45-anos-relembra-a-historia-111152/>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento de Adolescência. **Manual de orientação: saúde de crianças e adolescentes na era digital**. [S.I.]: SBP, 2016. 13 p.

STERNE, J. A. C.; HIGGINS, J. P. T. ROBINS-I tool - Risk of bias in non-randomized studies - of interventions. **Cochrane Methods Bias**, [S.I.], 2014. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/riskofbiastool/welcome/home>>. Acesso em 06 dez. 2020.

TABOSA, H. R.; PINTO, V. B.; LOUREIRO, J. M. M. Análise de regularidades metodológicas em pesquisas brasileiras sobre componentes de uso e usuários da informação. **Investigación bibliotecológica**, v. 30, n. 70, p. 249-267, 2016.

TAMURA, H. et al., Association between excessive use of mobile phone and insomnia and depression among Japanese adolescents. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 14, n. 701, p. 1-11, 2017.

- TANGMUNKONGVORAKUL, A. et al. Association of excessive celular use with psychological well-being among university students in Chiang Mai, Thailand. **PLoS ONE**, v. 14, n. 1, p. 1-13, 2019.
- TAO, S. et al. Interactions of problematic mobile phone use and psychopathological symptoms with unintentional injuries: a school-based sample of Chinese adolescents. **BMC Public Health**, v.16, n. 88, p. 1-10, 2016.
- TEIXEIRA, A. D.; RIBEIRO, B. O. Geração Z: problemáticas do uso da internet na educação escolar. **Ciclo Revista: Experiências em Formação no IF Goiano**, v. 3, n. 1, p.1-11, 2018.
- TOH, S. H. et al. “From the moment I wake up I will use it... every day, very hour”: a qualitative study on the patterns of adolescents’ mobile touch screen device use from adolescent and parent perspectives. **BMC Pediatrics**, v. 19, n. 30, p. 1-16, 2019.
- TOLEDO, P. B. F.; ALBUQUERQUE, R. A. F.; MAGALHÃES, A. R. O comportamento da geração Z e a influência nas atitudes dos professores. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 9., 2012, Resende, RS. **Anais...** Resende: SEGeT, 2012. p. 1-15.
- UM, Y. J.; CHOI, Y. J.; YOO, S. Y. Relationships between celular dependency and aggression among middle school students: mediating and moderating effects of ego-resilience, parenting behaviour, and peer attachment. **International Journal of Enviromental Research and Public Health**, v. 16, n. 3534, p.1-18, 2019.
- VALENTE, J. O Brasil é o 5º país em ranking de uso diário de celulares no mundo. **Agência Brasil**, Brasília, 2019. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-01/brasil-foi-5o-pais-em-ranking-de-uso-diario-de-celulares-no-mundo>>. Acesso em: 21 fev. 2020.
- VASCONCELOS, A. C. M. et al. Educação popular em saúde na abordagem sobre drogas com adolescentes. **Revista Educação Popular**, v. 14, n. 2, p. 180-191, 2015.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n.44, p. 203-220, 2014.
- WANG, P. et al. Peer relationship and adolescent celular addiction: The mediating role of self-esteem and the moderating role of the need to belong. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 6, n. 4, p. 708-717, 2017.
- WANG, Y. et al. Altered Gray matter volume and White matter integrity in college students with móbile phone dependence. **Frontiers in Psychology**, v. 7, n. 597, p. 1-10, 2016.
- XIE, X.; DONG, Y.; WANG, J. Sleep quality as a mediator of problematic celular use and clinical health symptoms. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 7, n. 2, p. 466-472, 2018.
- ZHEN, R. et al. How do interpersonal relationships relieve adolescents’ problematic mobile phone use? the roles of loneliness and motivation to use mobile phones. **International Journal of Enviromental Research and Public health**, v. 16, n. 2286, p. 1-12, 2019.
- ZOU, Y. et al. Celular addiction may be associated with adolescent hypertension: a cross-sectional study among junior school students in China. **BMC Pediatrics**, v. 19, n. 310, p. 1-8, 2019.

APÊNDICE 1



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Aprovado na CONEP em 04/08/2000

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO– TALE

(Adolescentes com 18 anos)

Pesquisa: Percepção de adolescentes escolares sobre o uso de celulares

Prezado(a) adolescente,

Meu nome é Silvani Weber da Silva Borges, sou aluna de mestrado da Unioeste – Campus Foz do Iguaçu e responsável por essa pesquisa, sob orientação Profa. Dra. Marta Angélica Iossi Silva da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Gostaria de convidá-lo(a) para participar dessa pesquisa, a qual tem como objetivo compreender a sua percepção sobre o uso de celulares.

Para atender este objetivo você participará de uma entrevista individual, na qual você poderá expressar sua percepção sobre o uso de celulares, quais são suas motivações para o uso, qual sua relação com o dispositivo e quais as possibilidades para reduzir seu uso.

A duração de cada entrevista será de aproximadamente de 40 a 60 minutos em um local de sua preferência, observando as medidas de proteção contra o COVID 19, portanto, em local bem ventilado, sem aglomeração de pessoas, com uso de máscaras cobrindo boca e nariz, sentados a 1 metro de distância conforme decreto 28.026/2020 (FOZ DO IGUAÇU, 2020). As entrevistas serão realizadas por mim, gravadas e depois transcritas, sendo utilizadas exclusivamente para esta pesquisa. Tal material será arquivado pela pesquisadora por um período de cinco anos, sendo destruído após esse tempo.

Você não será prejudicado (a) em nada e poderá pedir explicações a qualquer momento. A aceitação para participar do estudo não trará nenhum risco físico ou gasto financeiro para você, sendo que será mantida em segredo sua identificação, ou seja, você não será identificado (a) por nome, apelido ou qualquer outro meio que possibilite saber quem você é.

Quanto aos benefícios, essa pesquisa não lhe trará benefício direto pela participação, no momento, mas será uma oportunidade para você compartilhar experiências de maneira sigilosa, colaborando com a pesquisa para ajudar a compreender melhor a relação que os adolescentes têm com o celular.

Vale ressaltar ainda que, a pesquisa irá colaborar na compreensão das motivações que levam muitos adolescentes a usar o celular de forma problemática e, assim, poderemos pensar em estratégias para estimular uma relação saudável entre adolescentes e a tecnologia.

Destaco que a qualquer momento da pesquisa você poderá desistir da participação sem qualquer prejuízo, presente ou futuro, uma vez que esta participação é voluntária, ou seja, não é obrigatória.

Da mesma forma, participando do estudo, caso haja um desconforto, por exemplo, ao falar sobre um assunto delicado, você será acolhido pelo pesquisador e poderá interromper a participação imediatamente, continuando ou não mais tarde. Nestes casos, se necessário, você poderá ser encaminhado para atendimentos específicos. Além disso, garante-se o direito à indenização, conforme as leis vigentes no país, caso haja qualquer ou eventual dano decorrente da sua participação na pesquisa.

O projeto da pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP da UNIOESTE (CAAE: 18222819.2.0000.0107), que tem a finalidade de proteger os participantes de pesquisas, na medida em que respeita as questões éticas necessárias para a sua realização

Esse termo é assinado em duas vias, sendo que uma delas ficará com o pesquisador e outra será entregue a você para conhecimento.

Se tiver alguma dúvida, poderá entrar em contato comigo pelo telefone (45) 3572 94 54 ou (45) 9 98011169 de 2ª à 6ª feira das 08h00min às 17h00min ou pelo e-mail silvani.borges2@gmail.com. Você ainda poderá contatar o Comitê de Ética - UNIOESTE pelo telefone (45) 3220-3092, tendo como horário de atendimento de segunda à sexta das 08:00 às 15:30.

Agradeço a sua colaboração!

Assentimento da participação da pessoa como sujeito da pesquisa.

Após ter conhecimento sobre como poderei colaborar com esta pesquisa, concordo em participar nesta pesquisa, não tendo sofrido nenhuma pressão para tanto.

Eu,

_____, ciente das informações constantes no verso sobre o estudo e os meus direitos, aceito a participação no estudo acima especificado. Foi-me garantido que posso desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer penalidades ou prejuízos. Também me foi afirmado que os riscos dessa pesquisa são mínimos e que não terei gasto financeiro, sendo que será mantida em segredo minha identificação. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do Adolescente com 18 anos

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de 2020.

Eu, **Silvani Weber da Silva Borges**, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante e responsáveis.

Silvani Weber da Silva Borges (Pesquisadora responsável)

APÊNDICE 2



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Aprovado na CONEP em 04/08/2000
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO– TALE

(Adolescentes menores de 18anos)

Pesquisa: Percepção de adolescentes escolares sobre o uso de celulares

Prezado (a) adolescente,

Meu nome é Silvani Weber da Silva Borges, sou aluna de mestrado da Unioeste – Campus Foz do Iguaçu e responsável por essa pesquisa sob orientação Profa. Dra. Marta Angélica Iossi Silva da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Gostaria de convidá-lo(a) para participar dessa pesquisa, a qual tem como objetivo compreender a sua percepção sobre o uso de celulares.

Para atender este objetivo você participará de uma entrevista individual, na qual você poderá expressar sua percepção sobre o uso de celulares, quais são suas motivações para o uso, qual sua relação com o dispositivo e quais as possibilidades para reduzir seu uso.

A duração de cada entrevista será de aproximadamente de 40 a 60 minutos em um local de sua preferência, observando as medidas de proteção contra o COVID 19, portanto, em local bem ventilado, sem aglomeração de pessoas, com uso de máscaras cobrindo boca e nariz, sentados a 1 metro de distância conforme decreto 28.026/2020 (FOZ DO IGUAÇU, 2020). As entrevistas serão realizadas por mim, gravadas e depois transcritas, sendo utilizadas exclusivamente para esta pesquisa. Tal material será arquivado pela pesquisadora por um período de cinco anos, sendo destruído após esse tempo.

Você não será prejudicado (a) em nada e poderá pedir explicações a qualquer momento. A aceitação para participar do estudo não trará nenhum risco físico ou gasto financeiro para você, sendo que será mantida em segredo sua identificação, ou seja, você não será identificado (a) por nome, apelido ou qualquer outro meio que possibilite saber quem você é.

Quanto aos benefícios, essa pesquisa não lhe trará benefício direto pela participação, no momento, mas será uma oportunidade para você compartilhar experiências de maneira sigilosa, colaborando com a pesquisa para ajudar a compreender melhor a relação que os adolescentes têm com o celular.

Vale ressaltar ainda que, a pesquisa irá colaborar na compreensão das motivações que levam muitos adolescentes a usar o celular de forma problemática e, assim, poderemos pensar em estratégias para estimular uma relação saudável entre adolescentes e a tecnologia.

Destaco que a qualquer momento da pesquisa você poderá desistir da participação sem qualquer prejuízo, presente ou futuro, uma vez que esta participação é voluntária, ou seja, não é obrigatória.

Da mesma forma, participando do estudo, caso haja um desconforto, por exemplo, ao falar de um assunto delicado, você será acolhido pelo pesquisador e poderá interromper a participação imediatamente, continuando ou não mais tarde. Nestes casos, se necessário, você poderá ser encaminhado para atendimentos específicos. Além disso, garante-se o direito à indenização, conforme as leis vigentes no país, caso haja qualquer ou eventual dano decorrente da sua participação na pesquisa.

O projeto da pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP da UNIOESTE (CAAE: 18222819.2.0000.0107), que tem a finalidade de proteger os participantes de pesquisas, na medida em que respeita as questões éticas necessárias para a sua realização

Esse termo é assinado em duas vias, sendo que uma delas ficará com o pesquisador e outra será entregue a você para conhecimento.

Para participar deste estudo, o seu responsável legal deverá autorizar a sua participação mediante a assinatura de um Termo de Consentimento. Sem a autorização de seu responsável este termo de assentimento, mesmo assinado, não terá valor e você não poderá participar da pesquisa.

Se tiver alguma dúvida, poderá entrar em contato comigo pelo telefone (45) 3572 94 54 ou (45) 9 98011169 de 2ª à 6ª feira das 08h00min às 17h00min ou pelo e-mail silvani.borges2@gmail.com. Você ainda poderá contatar o Comitê de Ética - UNIOESTE pelo telefone (45) 3220-3092, tendo como horário de atendimento de segunda à sexta das 08:00 às 15:30.

Agradeço a sua colaboração!

Assentimento da participação da pessoa como sujeito da pesquisa.

Após ter conhecimento sobre como poderei colaborar com esta pesquisa, concordo em participar nesta pesquisa, não tendo sofrido nenhuma pressão para tanto.

Eu,

_____, ciente das informações constantes no verso sobre o estudo e os meus direitos, aceito a participação no estudo acima especificado. Foi-me garantido que posso desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer penalidades ou prejuízos. Também me foi afirmado que os riscos dessa pesquisa são mínimos e que não terei gasto financeiro, sendo que será mantida em segredo minha identificação. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do Adolescente menor de 18 anos

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de 2020.

Eu, **Silvani Weber da Silva Borges**, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante e responsáveis.

Silvani Weber da Silva Borges (Pesquisadora responsável)

APÊNDICE3



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Aprovado na CONEP em 04/08/2000

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
(Pais ou Responsáveis)**

Pesquisa: Percepção de adolescentes escolares sobre o uso de celulares

Prezado (a) Senhor (a),

Meu nome é Silvani Weber da Silva Borges, sou aluna de mestrado da Unioeste – Campus Foz do Iguaçu e responsável por essa pesquisa, sob orientação da Profa. Dra. Marta Angélica Iossi Silva da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Gostaria de convidar o(a) adolescente sob sua responsabilidade para participar dessa pesquisa, a qual tem como objetivo compreender a percepção de adolescentes escolares sobre o uso de celulares.

Para atender este objetivo será realizada entrevista individual com cada adolescente, na qual este poderá expressar sua percepção sobre o uso de celulares, quais são as motivações para o uso, qual sua relação com o dispositivo e quais as possibilidades para reduzir seu uso. A duração de cada entrevista será de aproximadamente 40 a 60 minutos em um local da preferência do participante, observando as medidas de proteção contra o COVID 19, portanto, em local bem ventilado, sem aglomeração de pessoas, com uso de máscaras cobrindo boca e nariz, sentados a 1 metro de distância conforme decreto 28.026/2020 (FOZ DO IGUAÇU, 2020). As entrevistas serão realizadas por mim, gravadas e depois transcritas, sendo utilizadas exclusivamente para esta pesquisa. Tal material será arquivado pela pesquisadora por um período de cinco anos, sendo destruído após esse tempo.

Você e o adolescente sob sua responsabilidade não serão prejudicados em nada e poderão pedir explicações a qualquer momento. A aceitação para participar do estudo não trará nenhum risco físico ou gasto financeiro para vocês, sendo que serão mantidas em segredo suas identificações, ou seja, vocês não serão identificados por nome, apelido ou qualquer outro meio que possibilite saber quem são.

Quanto aos benefícios, essa pesquisa não lhes trará benefício direto pela participação, no momento, mas será uma oportunidade para compartilhar experiências de maneira sigilosa, colaborando com a pesquisa para ajudar a compreender melhor a relação que os adolescentes tem com o celular. Ressalto ainda que, a pesquisa irá contribuir para compreensão das motivações que levam o adolescente a usar excessivamente o celular e, assim, poderemos pensar em estratégias para estimular uma relação saudável entre adolescentes e a tecnologia. Destaco que a qualquer momento da pesquisa você ou o adolescente poderá desistir da participação sem qualquer prejuízo, presente ou futuro, uma vez que esta participação é voluntária, ou seja, não é obrigatória.

Da mesma forma, participando do estudo, caso haja um desconforto, por exemplo, ao falar sobre um assunto delicado, o adolescente sob sua responsabilidade será acolhido pelo pesquisador e poderá interromper a participação imediatamente, continuando ou não mais tarde. Nestes casos, se necessário, o adolescente poderá ser encaminhado para atendimentos específicos. Além disso, garante-se o direito à indenização, conforme as leis vigentes no país, caso haja qualquer ou eventual dano decorrente da participação do adolescente na pesquisa.

O projeto da pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP da UNIOESTE (CAAE: 18222819.2.0000.0107), que tem a finalidade de proteger os participantes de pesquisas, na medida em que respeita as questões éticas necessárias para a sua realização

Esse termo é assinado em duas vias, sendo que uma delas ficará com o pesquisador e outra será entregue a você e ao adolescente para conhecimento.

Se tiver alguma dúvida, poderá entrar em contato comigo pelo telefone (45) 3572 94 54 ou (45) 9 98011169 de 2ª à 6ª feira das 08h00min às 17h00min ou pelo e-mail silvani.borges2@gmail.com. Vocês ainda poderão contatar o Comitê de Ética - UNIOESTE pelo telefone (45) 3220-3092, tendo como horário de atendimento de segunda à sexta das 08:00 às 15:30.

Agradeço a sua colaboração!

Consentimento da participação da pessoa como sujeito da pesquisa.

Eu _____ declaro estar
ciente das informações sobre o estudo e os meus direitos, aceito a participação do adolescente
sob minha responsabilidade _____ no estudo acima
especificado. Foi-me garantido que posso desistir de participar da pesquisa a qualquer
momento, sem quaisquer penalidades ou prejuízos. Também me foi afirmado que os riscos da
pesquisa são mínimos e não terei gasto financeiro, sendo que será mantida em segredo minha
identificação e do adolescente sob minha responsabilidade. A minha assinatura representa o
meu consentimento em participar do estudo.

Assinatura do responsável pelo adolescente

Assinatura do adolescente

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de 2020.

Eu, **Silvani Weber da Silva Borges**, declaro que forneci todas as informações do
projeto ao participante e/ou responsável.

Silvani Weber da Silva Borges (Pesquisadora responsável)

APÊNDICE4

Questionário Sociodemográfico

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Qual sua escolaridade?
4. Estuda em escola pública ou privada?
5. Mora com quem?
6. Qual a escolaridade de seus pais?
7. Qual sua renda familiar?
8. Trabalha ou faz algum estágio?
9. Faz ou já fez algum curso profissionalizante?
10. Qual sua perspectiva para o futuro?

Roteiro Semiestruturado para a Entrevista Individual

(Técnica Bola de Neve)

1) Fale-me sobre a sua relação com seu celular

- Com que idade você recebeu seu primeiro celular?
- Com que finalidade você utiliza?
- Quanto tempo durante o dia você costuma utilizá-lo?
- Você já sentiu algum desconforto físico ou mental quando ficou utilizando o celular por mais tempo que o habitual?
 - Se sim, o que sentiu?
- Você já utilizou o celular como uma fuga em situações estressantes ou desconfortáveis?
 - Se sim, em qual a situação?
- Alguém já reclamou com você sobre o tempo que você passa com seu celular?
 - Se sim, quem e em qual situação?
- Você se comunica mais com seus colegas e amigos pelo celular ou pessoalmente?
 - Se for por celular, por quê?

- Descreva o uso do celular por você e seus familiares quando estão em casa.
- Seus pais estabelecem regras de uso do celular?
 - Se sim, qual?
- Seus pais já lhe tiraram o celular por algum tempo?
 - Se sim, por qual motivo?
- Fale-me sobre o uso do celular na escola.

2) **Quanto as motivações para o uso excessivo do celular, comente:**

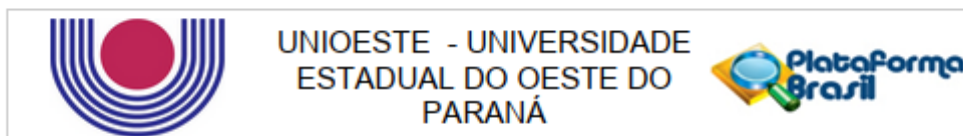
- Na sua opinião, o que leva um adolescente a usar excessivamente o celular?
- Você acha que as redes sociais como *facebook*, *WhatsApp*, *twitter* e *Instagram* podem influenciar o uso excessivo de celular em adolescentes?
 - Se sim, como?
- Você acha que a família pode contribuir para que o adolescente prefira ficar no celular ao invés de interagir com a família?
 - Se sim, como?
 - Isso acontece com você? Comente sobre isso.
- Na sua opinião, você acha que utiliza excessivamente o celular?
 - Se sim, o que você acha que te motiva a usar o celular de forma excessiva?
 - Se sim, você está utilizando alguma estratégia para reduzir o uso? Qual?

3) **Na sua opinião, o que o celular representa para os adolescentes?**

4) **Na sua opinião, como a família pode contribuir para prevenir a dependência de celular em adolescentes?**

5) **E a escola? Como pode contribuir para prevenir a dependência de celular e promover o uso consciente do celular por adolescentes**

ANEXO 1



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES ESCOLARES SOBRE O USO DE

Pesquisador: Silvani Weber da Silva Borges

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 18222819.2.0000.0107

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde CCBS - UNIOESTE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.149.022

Apresentação do Projeto:

"Nos últimos anos, muitos estudos têm se concentrado na dependência tecnológica entre jovens, principalmente a dependência de smartphones. Em alguns países, o uso excessivo de smartphones já se configura como um problema de saúde pública, afetando especialmente os adolescentes. Neste contexto, visando contribuir com o conhecimento já existente na literatura, este estudo se diferencia por dar voz aos adolescentes e compreender o que eles pensam a respeito dessa problemática. Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é compreender a percepção de adolescentes escolares sobre o uso de smartphones. Como método será realizado uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória com adolescentes escolares do ensino médio. A coleta de dados será feita mediante a técnica bola de neve e os resultados serão analisados por meio da técnica de análise de conteúdo."

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário:

Compreender a percepção de adolescentes escolares sobre o uso de smartphones .

Objetivo Secundário:

- a) Entender as motivações dos adolescentes para o uso do smartphone
- b) Compreender a relação dos adolescentes com o smartphone
- c) Sugerir possíveis estratégias para reduzir o uso de smartphone
- d) Apresentar contribuições da literatura sobre os fatores e consequências relacionados ao uso

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069	CEP: 85.819-110
Bairro: UNIVERSITARIO	
UF: PR	Município: CASCAVEL
Telefone: (45)3220-3092	E-mail: cep.prppg@unioeste.br